AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico *ao DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos *(Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso,* referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (https://monografiashistoriaufu.wordpress.com).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia. Para tanto, o autor deverá* entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.



Construíndo Uma História: Trabalhadores Ceramistas Monte Carmelo – 1960/1997

Patrícia Rodrigues da Silva

Uberlândia - 1998

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA - CDHIS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU
No 1241
Data 03/03/08

1 63 9 S.9 (e)

PATRÍCIA RODRIGUES DA SILVA

Construindo uma História: Trabalhadores Ceramistas - Monte Carmelo 1960/1997.

Monografia desenvolvida sob orientação da Professora Dra. Coraly Gará Caetano como requesito parcial para aprovação na disciplina Monografia 2.

Universidade Federal de Uberlândia
Fevereiro - 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA CDHIS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)

Aos meus pais, José Laurindo e Dora Alice, que sempre me apoiaram e incentivaram em todos os meus projetos, deixando inúmeras vezes de realizarem seus sonhos para que eu pudesse realizar os meus, todo o meu reconhecimento e gratidão. Tenho neles o meu "Porto - Seguro".

AGRADECIMENTOS

À todos os colegas do curso que de alguma forma colaboraram para a realização deste trabalho, seja pelos momentos de descontração, sujestões ou discussões.

Aos colegas do Núcleo de História Oral pelas ricas discussões que foram fundamentais para a pesquisa.

A amiga Andréa, juntas estamos descobrindo as angústias e delícias do trabalho de pesquisa.

Ao Romeu, pela paciência e compreensão nos momentos de ausência. Seu apoio e incentivo foram muito importantes.

A todos os trabalhadores cerâmicos que me confiaram suas experiências, o Sr. Odair, o Sr. Zezinho, o Zé Agostinho, o Ronaldo, o Wendel, a Elizângela, a Eusiane, a Lenita, o Sr. Jorge, o Pedro, Huender, a Silvânia, o Geraldo e o Sr. Sebastião.

E de forma especial à professora Coraly, pela inestimável orientação e disposição para as discussões. Seu rigor teórico e crítico contribuíram imensamente para meu amadurecimento.

À todos vocês o meu muito obrigada.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 01

CAPÍTULO 1 - *"SÓ QUE, QUEM NUM CUNHECE ACHA QUE É DEFEITO"* 11

CAPÍTULO 2 - *"FUI LIBERTO DE TUDO"*(?) 39

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E ENCAMINHAMENTOS 66

ENTREVISTAS REALIZADAS 73

BIBLIOGRAFIA 75

INTRODUÇÃO

Esta monografia é fruto de uma pesquisa que estou realizando desde julho de 1997, com a aprovação do projeto pelo CNPq e das reflexões feitas sobre os trabalhadores cerâmicos em Monte Carmelo/MG. E, ainda que a pesquisa não tenha chegado ao fim, esta, representa uma síntese do que tem sido investigado até aqui. É um momento em que resolvi sistematizar as reflexões e os vários aspectos suscitados pela pesquisa e levantar novas questões para dar continuidade ao trabalho.

A motivação para a realização desta pesquisa surgiu em razão da minha inquietação/desconhecimento acerca do modo de viver dos trabalhadores cerâmicos em Monte Carmelo e ainda como estudante de História em elaborar uma monografia que pudesse contribuir com uma reflexão acerca da intervenção destes trabalhadores, sua importância na constituição das relações sociais nesta cidade.

A preocupação em produzir registros históricos bem como interpretações historiográficas na cidade é muito recente. Não há em Monte Carmelo lugares de preservação da memória e muito menos historiadores que se proponham a resgatar a memória e história da cidade, a qual diga-se de passagem, foi emancipada politicamente em 1882. Os poucos documentos existentes encontram-se dispersos em residências particulares e em algumas instituições, como é o caso das obras de arte que se encontram na casa da Cultura[1] .

A dissertação de mestrado de Antônio de Pádua Bosi[2], a meu ver pode ser considerada o primeiro trabalho historiográfico produzido na cidade e igualmente trabalho pioneiro em buscar dar voz aos trabalhadores, em particular a dos trabalhadores rurais e as lavadeiras. Nesta pesquisa, Pádua se preocupa fundamentalmente em resgatar a trajetória de luta, a "dominação e resistência e ação política no espaço religioso", "as condições de vida" destes trabalhadores durante as décadas de 1970 e 1980. Sua investigação ressalta a força de mobilização daqueles trabalhadores na região assinalando sua singularidade frente aos demais trabalhadores da cidade e região.

> *"Exatamente dois elementos pesaram nessa escolha: o atual nível de atuação e mobilização desses trabalhadores e um maior envolvimento político de minha parte com os mesmos. De fato, esses trabalhadores penetraram a década de 1990 com um grau*

---

[1] Lá encontram-se obras de artes de artistas da cidade e provavelmente há alguma documentação acerca da cidade, porém, pelo fato de não estarem catalogados, organizados, não pude ter acesso.

[2] BOSI, Antônio de Pádua. " OS 'SEM GABARITO' Experiências de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/MG nas décadas de 1970/1980". SP, Dissertação (mestrado), PUC, 1997.

de mobilização e de organização raramente acompanhado por outras cidades da região - um ativo sindicato de trabalhadores rurais com sede própria e vida interna, uma associação de lavadeiras também com sede própria e uma lavanderia em funcionamento, uma rede de creches sob a responsabilidade do poder público municipal, mas influenciada por esses trabalhadores, o PT com dois representantes na câmara de vereadores."[3]

Todavia em Monte Carmelo, além dos trabalhadores estudados por Pádua, observamos a presença marcante dos trabalhadores cerâmicos. A indústria da cerâmica demarca o meio ambiente social da cidade. Aproximadamente trinta fábricas estão dispostas no espaço urbano, apresentando suas chaminés; característica peculiar à arquitetura da cidade. Estas fábricas comportam um número expressivo de trabalhadores[4], cuja experiência, histórias, são importantes na busca de compreender os significados dos movimentos sociais atuais, quer na cidade, ou Estado de Minas Gerais . Meu trabalho visa sobretudo, resgatar parte da trajetória destes trabalhadores, os significados que atribuem a sua presença na cidade e apresentar um ponto de vista historiográfico sobre os mesmos.

Ainda que eu nunca tenha trabalhado em cerâmica, convivi com colegas que lá trabalharam e com alguns que ainda trabalham e ouvi muitas reclamações sobre a exploração que sentiam, os baixos salários, as péssimas condições de trabalho. Inicialmente eu me indagava sobre o por quê, face a tamanha exploração/dominação que sentiam, estes não tomavam atitudes, tais como, organização sindical, associações, manifestações que exigiam a identificação de interesses como de caráter coletivo.

Tendo lido durante a graduação em História uma bibliografia que problematizava a natureza do movimento operário no Brasil, observei que ao menos algumas categorias de trabalhadores, em São Paulo e Rio de Janeiro, no período recente de nossa história, se organizaram e defenderam seus interesses específicos e dos demais trabalhadores. O sindicato do ABC Paulista, por exemplo, passou a ser "modelo" de sindicato combativo e local de reunião de trabalhadores politizados. Me inquietava e angustiava saber porque os trabalhadores de Monte Carmelo não agiam de modo semelhante em defesa de seus

---

[3] BOSI, Antônio de Pádua. Op. Cit. pp. 10.

[4] Aproximadamente 3000 trabalhadores. Entretanto, não temos condições de citar o número exato pelo fato de que nem todos os trabalhadores são registrados no Ministério do Trabalho. Esse número nos foi fornecido pelo Sr. Edson, presidente da Associação dos Ceramistas de Monte Carmelo.

interesses. A primeira vista, pareciam apáticos e submissos. Buscar compreender o modo como agiam e pensavam esses trabalhadores foi se colocando como objeto de pesquisa.

Além disso, como estes trabalhadores não puderam ou não tiveram a oportunidade de registrar suas experiências, compreendi ser necessário, resgatar e preservar aspectos de seu mundo, em seus vários aspectos, de modo que estas experiências não ficassem na zona do esquecimento e que permitissem àqueles que nos sucederão aquilatar os significados que atribuíram à sua existência.

> *"No fim, nós também estaremos mortos, e nossas vidas estarão inertes nesse processo terminado, nossas intenções assimiladas a um acontecimento passado que nunca pretendemos que ocorresse. Podemos apenas esperar que os homens e mulheres do futuro se voltem para nós, afirmem e renovem nossos significados, e tornem nossa história inteligível dentro de seu próprio presente. Somente eles terão o poder de selecionar, entre os muitos significados oferecidos pelo nosso conturbado presente, e transmutar alguma parte de nosso processo em seu progresso."*[5]

Assim, a partir de entrevistas gravadas com os trabalhadores pude ir construindo e problematizando meu objeto. Muitas foram as dificuldades encontradas, e também os momentos de desânimo, porém, sempre que aparecia um fato novo o ânimo voltava e as dificuldades pareciam tomar uma dimensão menor.

Muitas vezes os trabalhadores resistiam em gravar entrevistas e mesmo em falar sobre suas experiências, pois tinham receio de que suas falas pudessem prejudicá-los no trabalho.

Também houveram muitos desencontros, entrevistas tiveram que ser desmarcadas, pois surgiam outros compromissos; Muitas vezes também não conseguíamos um acordo quanto aos horários.

Quando resolvi fotografar os trabalhadores no local de trabalho, também encontrei alguns impecilhos. Numa das cerâmicas os proprietários não permitiram que eu entrasse para tirar as fotos (certamente para que não se registrasse as péssimas condições em que o trabalho é realizado). Esse momento foi muito constrangedor pelo fato de que eu já havia conversado com um deles e ele havia permitido meu acesso dentro da fábrica, entretanto quando cheguei

---

[5] THOMPSON, E. P. "Intervalo: A lógica Histórica". In: A Miséria da Teoria ou um Planetário de erros, Rio de Janeiro, Zahar, 1981. pp53.

para fotografar, ele simplesmente não me deixou entrar, disse que havia "pensado melhor" e que não me deixaria tirar as fotos, esse realmente foi um momento difícil, porém superado quando consegui tirar as fotos em outras três cerâmicas.

O fato dos empresários não permitirem que eu fotografasse o interior da cerâmica aponta para a percepção de que, ele tem consciência das péssimas condições de trabalho naquele local e não quer que isso seja revelado, pois assim, traria a tona toda a falta de respeito e exploração para com os trabalhadores.

Meu pressuposto inicial de que os trabalhadores cerâmicos não percebiam a exploração/dominação e ainda, que estavam acomodados à situação se desfez logo nas primeiras entrevistas, quando entendi a complexidade do ser humano, como é contraditório, apresenta momentos de reflexão e resistem à condição que lhes é imposta, tem seus momentos de acomodação, onde pesam os valores, tradições e os princípios morais; e é nesse embate, é na dinâmica da acomodação e da resistência que os sujeitos vão construindo sua história.

Neste sentido tentei não usar de generalizações pois percebendo a multiplicidade de experiências que compõem este universo, busquei justamente trabalhar essas diferenças, pois o mundo destes trabalhadores se apresentou de modo muito heterogêneo.

Assim, à partir do registro da história de vida de um grupo de trabalhadores, creio que seja pertinente analisar as condições de vida destes, como reelaboram sua trajetória, ligando suas experiências do presente/passado.

Tendo como ponto de partida as discussões travadas com as falas dos sujeitos, ou seja, com a representação que os cerâmicos fazem de sua experiência de vida, foi possível delinear o próprio objeto de pesquisa e assim, resgatar parte da história desses trabalhadores, cheio de significados peculiares e suscitar novas questões e problemas acerca do que é ser um trabalhador cerâmico nesta cidade.

A participação no Núcleo de História Oral coordenado pela prof. Dra. Coraly Gará Caetano tem sido extremamente significativa, pois tem possibilitado uma discussão aprofundada e o conseqüente amadurecimento acerca da História Oral e da forma como lidar com os depoimentos.

Percebemos desse modo que o trabalho com História Oral possibilitou um grande salto à partir do momento em que permitiu questionar o documento escrito e a forma como foi escrito. Assim, abriu caminhos para resgatar novos sujeitos e novas dimensões destes.

Resgatar "novas dimensões" é perceber o sujeito em sua subjetividade, entendendo-o como um ser individual que é ao mesmo tempo social. Neste sentido, ao expressar suas

experiências. este sujeito está expressando também, de certa forma, uma experiência que é coletiva

Coletivo não é entendido aqui como um grupo homogêneo, formado por pessoas "sem diferenças", ou seja, o coletivo não é identificado com "massa", mas é considerado em toda sua heterogeneidade. Entendo o coletivo com suas peculiaridades, suas diferenças de valores, práticas, tradições

Na discussão acerca do sujeito coletivo, a contribuição de Eder Sader foi muito significativa possibilitando o entendimento de que:

> *"Se pensarmos num sujeito coletivo, nós nos encontramos, em sua gênese, com um conjunto de necessidades, anseios, medos, motivações, suscitado pela trama das relações sociais nas quais ele se constitui. Assim, se tomarmos um grupo de trabalhadores residente numa determinada vila da periferia, poderemos identificar suas carências, tanto de bens materiais necessários à sua reprodução quanto de ações e símbolos através dos quais eles se reconhecem naquilo que, em cada caso, é considerado sua dignidade."*[6]

Assim, o sujeito quando fala de suas experiências, expressa também as experiências de um coletivo, ele se mostra como um ser individual e social ao mesmo tempo, ele possui experiências individuais, mas que certamente transmite uma experiência coletiva e ainda que em determinados momentos não fale diretamente sobre fatos que gostaríamos de ouvir, ainda sim, podemos perceber a amplitude que o ser humano abarca .

Neste sentido, as entrevistas orais se mostram por demais ricas, pois nos levam a notar essas questões. Janaina Amado nos fala sobre isso da seguinte forma:

> *"(...) Muitas entrevistas transmitem e reelaboram vivências individuais e coletivas dos informantes com práticas sociais de outras épocas e grupos. A dimensão simbólica das entrevistas não lança luz diretamente sobre os fatos, mas permite aos historiadores rastrear trajetórias inconscientes das lembranças; permite, portanto, compreender os diversos significados que os indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que têm."*[7]

---

[6] SADER, Eder. Quando Novos personagens entraram em cena: Experiências e Lutas dos Trabalhadores da grande São Paulo , 1970/8. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. P.p.58.

[7] AMADO, Janaina. "O grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral". In: HISTÓRIA. SP. Ed. UNESP. Vol 14: Pp. 125-135. 1995. pag135.

Portanto, as falas dos sujeitos é que esteve em relevância, ou seja, a forma como os trabalhadores (os sujeitos entrevistados) se percebem inseridos no contexto social em que vivem.

De acordo com Alistair Thomson ao trabalhar com História Oral:

> *"procuramos explorar as relações entre reminiscências individuais e coletivas, entre memória e identidade, ou entre entrevistador e entrevistado. De fato, freqüentemente estamos tão interessados na natureza e nos processos de rememoração quanto no conteúdo das memórias que registramos."*[8]

Assim trabalhar com a História Oral, significa, trabalhar com o subjetivo; um trabalho onde o que é lembrado é tão importante quanto o próprio processo de rememoração e também a interação do entrevistado com o entrevistador que permite a ambos um momento de reflexão acerca de suas concepções e valores.

Com a utilização das fontes orais, não pretendemos uma "neutralidade" ou "objetividade", mas resgatar a representação que o sujeito faz, ou seja, é entender como o trabalhador lida com as questões cotidianas, como representa suas práticas e como reelabora seu passado à partir das experiências do presente, pois sabemos que ao "lembrar" os fatos do passado, estes vêm reelaborados pela situação atual em que se encontram. E é ainda Alistair Thomson, que explicita melhor a questão:

> *"As histórias de vida que me foram contadas revelaram-se ricas em detalhes sobre a guerra e seus impactos, mas também profundamente influenciadas pelas vidas desses homens no pós-guerra, por seu papel de contadores de histórias e por seus relacionamentos comigo e com a lenda de suas vidas."*[9]

Outro aspecto que há que se ressaltar ainda no trabalho com as fontes orais é a possibilidade que esta oferece de abarcarmos dimensões que as fontes escritas não abarcam. Mesmo perdendo as feições dos rostos, a tonalidade da voz ou os gestos; a linguagem nós conseguimos abarcar, sendo esta a identidade de um grupo, possibilita uma fonte que possui um tempo e uma articulação próprios, vejamos por exemplo a riqueza do depoimento de Elizângela:

> *"Algumas pessoas, tá tudo rasgado, eu falo prá eles, eles acha*

---

[8] THOMSON, Alistair. FRISCH, Michael e HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e História: Alguns aspectos internacionais". In. FERREIRA. Marieta de Moraes e, AMADO, Janaina (org.). USOS E ABUSOS DA HISTÓRIA ORAL. Ed. Vértice. Pag. 69.

que a gente tá brincando, ele fala que a gente chega lá fala prá eles, - Ah! O avental tá estragado eles tão nem azul (.?.) se acabar, tá nem azul, (.?.) se acabá né, ainda corre o risco da Maisa ir lá correndo e buscar né mas nem sempre a Maisa tá assim. Ah! E da água lá (.?.) sabe a água lá é quente, mas ela é quente e suja porque ô, eles pega da caixa e a caixa todo mundo põe a mão (.?.) e aconteceu de sapo morrer lá dentro, morre, tudo morto lá dentro aí foi indo assim né eles pegaram poram uma (.?.) um negócio de a ... a caixa de água filtrada..."

Eder Sader também nos possibilitou refletir acerca da linguagem. Assim, entendemos que a linguagem carrega em si o universo cultural das pessoas, e seu modo de falar, longe de ser uma forma neutra de expressão, traz consigo uma carga de significação que determina os grupos que o sujeito participa, suas experiências, as relações que estabelecem seus valores e necessidades. Assim,

"(...) a linguagem não é um mero instrumento neutro que serve para comunicar alguma coisa que já existisse independentemente dela. A linguagem faz parte das instituições culturais com que nos encontramos ao sermos socializados. É na verdade a primeira delas e que dá o molde primordial através do qual daremos forma a qualquer de nossos impulsos. Ela é a condição tanto no sentido de que nos "condiciona", nos inscreve num sistema já dado, quanto no sentido de que constitui um meio para alcançarmos outras realidades, ainda não dadas."[10]

E é ainda Sader que nos coloca:

" (...) É através dos discursos que a carência virtual de bens materiais se atualiza numa carência de casa própria ou de um barraco, de sapatos ou de vestidos, de feijão com arroz ou carne de sol, de escola para os filhos ou televisão. É através dos discursos que a demanda do reconhecimento da própria dignidade pode ser satisfeita por meio do trabalho árduo ou da preservação do fim de semana para pescar, da liberdade

---

9 _____. Op. cit. pag. 66

10 SADER. Eder. Op. Cit. Pag.57.

individual ou da integridade da família, do culto religioso ou da liberdade política."[11]

Outra questão que se impõe é a forma como lidamos com a fonte oral, pois longe de ser somente a realização da entrevista, temos que estar atentos ao fato de que estamos lidando com as experiências das pessoas e isso requer de nós, respeito para com as experiências dessas pessoas.

Assim, estabelecer um envolvimento com o entrevistado foi de fundamental importância, visto que, num primeiro momento, muitos cerâmicos se mostraram receosos em se "abrir", porém, à medida em que eu ia colocando minhas intenções, explicando-lhes o motivo da entrevista, o que propunha a pesquisa, e sempre fiz questão de deixar bem claro os meus propósitos, eles se mostraram mais a vontade.

Muitas vezes a entrevista teve que ser interrompida, pois a chegada de um vizinho ou parente, assim o exigia. Houve também em algumas entrevistas, momentos que não puderam ser transcritos, pois foram impedidos pelo assobio do filho que chegava, ou conversas paralelas à entrevista, o barulho da TV e ainda pela criança que insistia em gravar sua voz. Estas são apenas algumas das dificuldade que está inerente ao trabalho com a fonte oral, elas fazem parte da dinâmica da relação do entrevistador e entrevistado.

O uso das fontes orais também nos coloca alguns obstáculos que não podem ser ignorados. Obstáculos estes que passam, desde as dificuldades na realização, transcrição, digitação e análise das entrevistas, até alguns "acidentes" técnicos, como por exemplo, quando ao entrevistar o "Zé" Agostinho, percebi, após longos minutos de conversa que o gravador não estava funcionando. Ele se dispôs a conceder uma nova entrevista, e o fizemos, porém foi um momento muito exaustivo tanto para mim quanto para ele.

Com isso também pude refletir acerca do quanto a memória é dinâmica. Ao conceder a nova entrevista, o "Zé" Agostinho reconstruiu sua trajetória com raciocínio diferente daquele na primeira entrevista. Neste sentido, percebo que devemos pensar as fontes orais com toda essa subjetividade que ela carrega e termos claro que no depoimento está registrado a reflexão do sujeito num dado momento.

Assim a utilização da fonte oral nos coloca ainda a necessidade de um constante diálogo com nossos pressupostos teóricos, pois lidando com uma realidade dinâmica, que está em mudança constante, é necessário também repensarmos nossas teorias, é essencial estabelecermos um diálogo constante entre a teoria e a prática, como nos aponta Alistair:

"o principal desafio para historiadores orais na atualidade é

---

11 . Op. Cit. Pag. 58/9.

> *encontrar meios de facilitar a união entre a teoria e a prática, a fim de que debates sobre história e memória, sobre a relação história oral, ou sobre os dilemas éticos e políticos de nosso ofício se fundamentem tanto nos novos meios de conhecimento quanto na experiência prática."*[12]

E a partir desse diálogo vão se reformulando nossos pressupostos ao mesmo tempo em que faz com que o sujeito (entrevistado) repense suas experiências, neste sentido, o trabalho com a história oral exige que estejamos sempre abertos à novas questões.

O referencial teórico portanto, veio menos como um modelo e mais como uma "inspiração". Assim, a leitura de E. P. Thompson, historiador marxista inglês, nos abriu caminho para estarmos pensando uma série de questões, que antes não eram levantadas ou pensadas.

Assim, à partir de Thompson, temos a possibilidade de estarmos pensando o movimento da história de uma outra perspectiva, a perspectiva dos trabalhadores, de pessoas comuns, que vivenciam e participam das transformações sociais e como se percebem neste contexto. Ao fazer esta opção nos posicionamos frente à história e mesmo à vida, pois optamos por resgatar vivências que tem sido legadas ao esquecimento pela história oficial.

Faz-se necessário também deixar claro que ao partir da leitura de Thompson, não "aplicamos" suas reflexões tais como foram feitas, pois entendemos que ela se referencia a um outro contexto, buscamos sim, uma inspiração para pensarmos tais questões noutro momento e com outros personagens.

Assim, ao trabalhar a Inglaterra nos Sec. XVIII/XIX e as questões postas naquele momento aos trabalhadores, Thompson nos oportuna refletir acerca de algumas questões (valores, tradições, representações, práticas, etc.) num outro momento, com outras pessoas, num outro lugar, enfim, num outro contexto, com questões muitas vezes diferentes e com respostas também diferentes.

Deste modo, vale ressaltar o "perigo" que correm os historiadores ao tentar "encaixar" as experiências dos sujeitos em teorias prontas e acabadas, pois estão perdendo toda riqueza, dinâmica e complexidade dessas experiências. Se queremos apreender, pelo menos parte os significados das experiências de tais sujeitos é necessário que estejamos abertos ao diálogo com nossos pressupostos teóricos e conceitos.

O corte cronológico que à princípio era 1970/1997, sofreu alteração ao longo da pesquisa. Resolvi que fosse mais pertinente delimitar a pesquisa no período 1960/1997. A

---

[12] THOMSON, Alistair. Op. Cit. Pag. 72.

proposta inicial deveu-se ao fato de num primeiro momento, ou seja, antes de partir para a pesquisa, ocorreu-me que o fato de na década de 1970 se verificar um expressivo crescimento em números de indústria cerâmica em Monte Carmelo, poderia ter somente neste momento começado a intervenção desta nas relações de trabalho e sociais na cidade. No entanto, no decorrer do trabalho, ao conversar com os trabalhadores percebi que desde fins da década de 1950 e início de 1960, esta indústria já começa a ter significação para os trabalhadores que desde então trabalham em cerâmica.

O trabalho se estrutura da seguinte forma: no primeiro capítulo, busco refletir acerca do processo de trabalho na ótica do trabalhador, isto é, como vivenciam e dominam o espaço da fábrica, busco também entender os significados que os trabalhadores cerâmicos atribuem às transformações tecnológicas ocorridas no âmbito da produção .

Ainda procuro revelar condições de trabalho no interior da Cerâmica, a insalubridade do local, os riscos constantes de acidente e a forma como os trabalhadores lidam com esses problemas .Procuro acompanhar como se dá a acomodação e/ou resistência destes trabalhadores frente ao controle e a dominação fabril .

As relações estabelecidas no interior da fábrica é ainda objeto deste capítulo; assim, as relações entre colegas, as amizades estabelecidas dentro da cerâmica e o distanciamento fora dos portões desta, as diferentes relações estabelecidas com os patrões, em que ora o trabalhador o vê como aliado e ora como "inimigo" e as significações atribuídas a essas relações.

E no segundo capítulo, procuro refletir acerca da questão religiosa como um caminho que buscam para escapar da dominação, ou escamotiá-la, procurei fazer uma reflexão acerca dos sonhos e anseios dos trabalhadores cerâmicos, os caminhos que buscam ou não para realizá-los, indico os vários modos como se deu a luta pela moradia bem como os significados da educação e as formas de lazer apontadas pelos trabalhadores cerâmicos.

É necessário colocar ainda que a vida dos trabalhadores não se dá dessa forma, compartimentada, mas é um todo, onde o lazer pode estar inserido no trabalho, a educação pode ser vivida como ou em momentos de lazer, as relações de trabalho podem se prolongar para outros espaços, enfim, temos que perceber o ser humano como um todo e sendo assim ele não se despoja de uma experiência para vivenciar outras, mas as integra em seu cotidiano, porém, por uma questão didática mesmo, tentamos expor de forma compartimentada.

CAPÍTULO 1

"SÓ QUE, QUEM NUM CUNHECE ACHA QUE É DEFEITO"

José Agostinho de Oliveira

Monte Carmelo é uma pequena cidade que se localiza na região do Alto Paranaíba com 39.922 habitantes[13] e cuja base de sustentação econômica está na agricultura cafeeira e e principalmente na indústria cerâmica

A grande quantidade de matéria prima, e o grande contingente de força de trabalho parece ter propiciado em Monte Carmelo, o desenvolvimento da indústria cerâmica que em 1979 já contava com 9 cerâmicas como nos aponta "Zé" Agostinho:

> *Em 1979, quando eu comecei a trabalhar em cerâmica, Monte Carmelo (...) tinha a Nª Sr.ª do Carmo, a Inca - essa que eu trabalho, já tinha, a Única Lassi, a cerâmica Brasil, a cerâmica União, a cerâmica Pallissy... a... a naves Aguiar, hoje (?.) a Triângulo também, já tinha a triângulo também, 9."*[14]

Entretanto podemos perceber a presença da cerâmica em Monte Carmelo já há dezenove anos antes, ou seja, em 1960 quando o Sr. Sebastião Crochela veio para a cidade.

Assim, quando em 1960, o Sr. Sebastião chega em Monte Carmelo e vai trabalhar na cerâmica D. Dias, onde 8 anos mais tarde foi vendida para o Sr. Nilo Cardoso, passando a se chamar então Inca Indústria Cerâmica, é nela que o Sr. Sebastião trabalha desde que veio para a cidade.

O exemplo do Sr. Sebastião não é isolado, muitos trabalhadores vieram para a cidade fugindo das dificuldades do trabalho no campo. Assim, Monte Carmelo acabou abarcando um grande contingente de força de trabalho disponível.

Ao avaliar este êxodo rural, o Sr. Odair, aponta para a legislação, a lei de Usucapião, bem como para a modernização tecnológica como fatores que contribuíram para a sua saída do campo:

> *"Hoje tá difícil ele dá* (proprietário rural) *uma agregação...*

---

[13] IBGE – Divulgação preliminar da contagem populacional/96 MG. Pag 8.
[14] JOSÉ AGOSTINHO DE OLIVEIRA. Operador de máquinas nas cerâmicas Inca, Asteca e Asteca

então, ondé que vem cabano muito, né? (...) e roça hoje, se num for através de maquinário... então num tem como..." [15]

Vários cerâmicos são de origem rural e vieram para a cidade, principalmente a partir das décadas de 60/70, devido à "modernização" do campo aliada à programas dos governos militares para a valorização do cerrado brasileiro[16]- em busca de uma vida melhor, já que o trabalho no campo sacrificava muito e não oferecia condições para melhora, especialmente para aqueles pequenos proprietários, que, com a "modernização" do campo acabaram sendo "jogados" para a cidade, pois não adiantava ter somente a terra se não tinham condições para produzir nela, junta-se a isso a preocupação com o futuro dos filhos.

Fazendo um balanço sobre sua vinda para a cidade, o Sr. Odair nos coloca que a grande vantagem que houve foi a possibilidade de adquirir novos conhecimentos, ampliar seus círculos de relações pessoais e amizade. Isso é algo que ele percebe na cidade e no campo não há essa possibilidade, pois é um meio mais restrito, onde não se tem o mesmo contato com as pessoas mesmo pela distância que se estabelece entre uma propriedade e outra.

"A vantage da gente qu'eu acho qu'eu tive... cê tá aprendeno alguma coisa."[17]

Aliada a esse contingente de força de trabalho que estava chegando à cidade; a presença da Argila não só na cidade, como em outras cidades vizinhas favoreceu o surgimento e crescimento das cerâmicas.

Para "Zé" Agostinho a consolidação da cerâmica, deve-se principalmente a boa qualidade da telha que era produzida em Monte Carmelo (e segundo ele ainda é) e vendida para todo Brasil, não sobrando telha nem mesmo para vender em Monte Carmelo. A telha saía de boa qualidade e o consumidor se encarregava de fazer a propaganda; o produto vendia bem e garantia a grande margem de lucro. Desse modo se tornava um negócio rentável, outros proprietários de capital resolveram investir no negócio e assim foi se consolidando a indústria cerâmica em Monte Carmelo :

"... tinha muita matéria prima e de muita boa qualidade, né?

---

indústria. Entrevista realizada em 20/04/1997

[15] ODAIR MONTES. Reparador de grades e fornos, trabalha na cerâmica Mineira LTDA. Entrevista realizada em 20/04/97.

[16] Para informações detalhadas acerca do êxodo rural à partir da década de 1970 na região, em especial em Monte Carmelo ver: BOSI, Antônio de Pádua. Op. cit. Especificamente capítulo 1.

[17] Idem.

> *Então as telha daqui, era conhecida no país inteiro. Todo lugar levava, tinha muita fama, então, as veiz as pessoa vendia a telha e falava que era de Monte Carmelo. (...) ia fabricano, ia consumino... saía tudo. Na época qu'eu comecei a trabalhá em cerâmica, por exemplo, prá arrumá ... nessa cerâmica qu'eu trabalho e mais algumas, vendia telha só pra Cuiabá, num sobrava nenhuma telha nem pra vendê aqui em Monte Carmelo."*[18]

O desenvolvimento e a consolidação da Indústria cerâmica em Monte Carmelo, mais que pela "boa qualidade da telha" parece ter se dado em função tanto da abundância de matéria-prima como de força de trabalho. Assim, consolidando-se economicamente, a Indústria cerâmica acabou por consolidar uma hegemonia política também.

Essa hegemonia política dos proprietários ceramistas em Monte Carmelo, conforme sugere Pádua[19], não foi abalada sequer quando outros representantes das classes dominantes assumiram o poder. Concorreu para fortalecer esta hegemonia o fato de os empresários ceramistas fundarem em 1° de Maio de 1989 a Associação dos Ceramistas em Monte Carmelo, o que deixa antever que para impedir o "avanço" da resistência dos trabalhadores os patrões se organizaram coletivamente.

Assim as eleições de 1996, trouxeram novamente tal grupo ao poder, isso só veio reforçar a hegemonia político/econômica da indústria cerâmica em Monte Carmelo e reafirmar a desarticulação dos trabalhadores, que diante de repressão ou ameaças ou por assimilar o discurso do patrão acabaram elegendo como prefeito o filho de um importante proprietário de cerâmicas.

Antes de falar sobre o processo de trabalho propriamente dito e a forma como o trabalhador cerâmico o percebe: faz-se necessário, num primeiro momento, colocar em evidência a diversidade existente no universo cultural desses trabalhadores.

Conversei com trabalhadores de diferentes origens, diferentes idades, diferentes credos e religiões. Assim, pude perceber, que há uma heterogeneidade que se faz presente nos padrões e valores sociais, e uma grande diversidade permeia o modo como eles percebem o trabalho e a vida, e expressam seus anseios.

A riqueza deste universo está, a meu ver, justamente nestas diferenças, onde podemos

---

[18] José Agostinho em 20/04/97.
[19] BOSI. Antônio de Pádua. Op. Cit. Pag. 127 citação149.

ver estes trabalhadores como "seres humanos" , em luta, conflitos, contradições, em busca de sonhos e não apenas uma "mão-de-obra", um fator econômico.

A vida dura do campo acabou trazendo o Sr. Sebastião Marino Crochela, 56 anos, casado, 10 filhos, para a cidade. Quando morava no campo, trabalhava com criação de gado: sentindo que a vida lá era muito *"custosa"* resolveu vir para a cidade em busca de melhores condições de vida.

Essa é também a história dos Sr. Odair Montes, 52 anos, 3 filhos, trabalha na reconstituição de grades na Cerâmica Mineira. Ele conta que nasceu no campo e lá trabalhou desde criança, sendo que quando foi para a cidade de Cumarí/GO em 1958 trabalhar em lavoura, acabou começando sua experiência de trabalhador cerâmico.

As dificuldades encontradas na cidade acabaram por encorajar o Sr. Odair e a família a voltar e tentar novamente a vida no campo, o que aconteceu em 1963. Lá voltou a trabalhar com lavoura de arroz e tinha espaço para trabalhar como carpinteiro, sua profissão, onde montava barracões. Porém o campo já não mais oferecia condições de sobrevivência ao pequeno proprietário que produzia para a sobrevivência, pois com a modernização de máquinas e insumos, tornava difícil para o trabalhador pobre competir no mercado.

Ao recordar sua trajetória, o Sr. Odair nos conta que:

> *"Fui trabalhar numa cerâmica dum tio meu lá no Goiás, isso foi em 60... que eu trabalhei lá, nós fomo em 58, aí nóis tocamo lavora lá 2 ano... passado esses 2 ano, aí eu fui trabaiá em cerâmica, trabaiei em cerâmica até 63. 63 a gente voltou pra traz, nessa época eu trabaiava em cerâmica, era na época que tava construino Brasília... então a gente dava um duro lascado, portanto eu tenho a junta dos meu dedo tudo estourado... de tirá forno quente, lá a estrada de ferro passava de pareia com a cerâmica, certo? Passava de pareia... então... cê tirava teia do forno e já levava direto pro vagão, nem no depósito ela num ia..."*[20]

Diante de tantos descaminhos e dificuldades o Sr. Odair acabou optando pelo menos ruim, vir para a cidade e trabalhar na cerâmica. Assim, podemos refletir um pouco acerca dos muitos obstáculos encontrados por ele e muitos outros trabalhadores que na luta pela sobrevivência acabam sendo "obrigados" a migrarem de um lado para outro, pois são tantos

obstáculos encontrados que eles necessitam encontrar caminhos para driblar tantas barreiras.

Assim, o Sr. Odair chega em Monte Carmelo em 1979 e vai trabalhar na construção de uma cerâmica, a qual trabalha até hoje, exercendo, como ele faz questão de falar, sua profissão: carpinteiro.

Deste modo, ele foi trabalhar "fazendo" o madeiramento da cerâmica e mais tarde, na construção das "grades". Grades essas que servirão para colocar as telhas quando forem levadas para o "secador" e forno.

Terminada a construção da cerâmica, essa passa para a produção. O Sr. Odair começa então a trabalhar como pedreiro na reconstituição de fornos, a convite do patrão que lhe oferece a "carteira assinada", o que para o Sr. Odair se constitui um valor:

> *"Aí eu até, falei assim, se nóis combiná, e o Sr. me fizer um bom salário, eu fico, por que eu preciso duma carteira assinada, né? (...) Aí ele falou, não, se ocê, se nóis, combinando um salário, no outro dia eu assino a carteira pro cê, e assim, nóis combinamo e eu fui , fiquei lá, né (...)"*[21]

Vera Telles nos aponta para alguns elementos que nos possibilita pensar acerca desses valores, como ter a "carteira assinada" e o quanto se faz importante a garantia de ser um trabalhador:

> *"Sem direitos que garantam a identidade e o estatuto de trabalhador, o rompimento do vínculo do trabalho pode significar uma situação que joga o trabalhador na condição genérica e indiferenciada do não-trabalho, na qual se confundem as figuras do pobre, do desocupado, da delinqüência ou simplesmente da ociosidade e vadiagem..."*[22]

Outros cerâmicos são da cidade mesmo, que por falta de opção melhor, pois Monte Carmelo é uma cidade que não oferece muitas opções de emprego, acabaram entrando para as cerâmicas, ou ainda são filhos de "antigos" trabalhadores cerâmicos que foram levados pelos

---

[20] Sr. Odair Montes em 12/10/96.
[21] Sr. Odair em 12/10/96.
[22] TELLES, Vera. "Pobreza e Cidadania: Precariedade e condições de vida" In: RAMALHO, José Ricardo e MARTINS, Heloísa de Souza (org.) Terceirização. SP., Ed. Hucitec, 1994.

pais, e também se tonaram trabalhadores cerâmicos.

Assim, podemos ver a reprodução da força de trabalho no seio da própria família ceramista, o que pode significar a constituição de uma certa "tradição" de valores e práticas entre os cerâmicos.

Neste sentido, se as relações no capitalismo tendem a se caracterizar pela distância e "frieza", na indústria cerâmica, podemos perceber que as relações de cunho familiares estão presentes, como é o caso do Sr. Sebastião, cujos filhos quase todos trabalham em cerâmica, com exceção da filha mais velha que é professora secundária e um outro que trabalha como eletricista de automóveis. Assim, os encontramos dispersos nos diversos setores que compõe o processo de trabalho; chefe de transporte, mecânico, escritório, digitador, telefonista, e tem ainda uma das filhas que não mora em Monte Carmelo, mas tem depósito de telhas em Patos de Minas.

Ou ainda o caso de Elizângela e Wendel, que tendo o pai e a mãe, tios e outros parentes trabalhando em cerâmica, acabaram também por se tornarem trabalhadores cerâmicos.

Aliada à falta de opção de empregos e à necessidade de trabalhar para sobreviver, a "tradição" de ser ceramista também parece ser o que impulsiona o trabalhador a entrar para a cerâmica e se sujeitar (às vezes resistir) às péssimas condições de trabalho.

Quanto a questão da divisão do trabalho e de sua fragmentação apontada pela maioria dos estudiosos como instrumento importante e inerente ao desenvolvimento do capitalismo :

> *"... o processo de trabalho em seu envolvimento com o sistema produtivo e o movimento do capital, não está isolado da totalidade das relações sociais. Seu próprio desenvolvimento é um corolário necessário da divisão do sistema capitalista (...) o famoso exemplo da fabricação de alfinetes, dada por Adam Smith, sublinha a necessidade capitalista de princípio da divisão do trabalho e da fragmentação de tarefas dentro da produção capitalista."*[23]

Podemos apontar um outro ponto de vista, ou seja, como os trabalhadores cerâmicos vivenciam esta divisão do trabalho e também demonstrar à partir deles, como, na indústria cerâmica a inovação tecnológica adquire o significado próprio, ou melhor particular, isto é,

---

[23] PALLOIX, Christian. "O Processo de Trabalho: Do Fordismo ao Neofordismo". IN: Processo de Trabalho e Estratégias de Classe. RJ., Ed. Zahar, 1982. Pag. 71

apesar da inovação tecnológica ser constituir um fato constante esta, tem sido empregada sem alcançar seu objetivo primordial qual seja, retirar dos trabalhadores o domínio do processo de trabalho como um todo.

Para alguns cerâmicos, a divisão do trabalho, o parcelamento das tarefas não é considerado negativo, no sentido de que à partir da divisão do trabalho, da especialização das tarefas, os trabalhadores perderiam o controle sobre a totalidade do processo de trabalho. Apesar desta divisão, a singularidade da fábrica (cerâmica) é a de possibilitar que os cerâmicos perpassem, ou trabalhem na medida do possível em "todas" as atividades que compõe o processo de produção.

Assim, o José Alves Borges, Sr. "Zezinho", 56 anos, casado, aposentado, 6 filhos, vê a divisão do trabalho como algo positivo, pois entende que se não houvesse a divisão dos setores, haveria uma confusão no atendimento e dificuldade para se resolver os "problemas". Ele fala da seguinte maneira:

> *"...É bão, né? Por que é organizadim, cê chega, cê num tem que procurá ninguém, cê já chega naquele, né? Tudo organizado, então cê chega naquele que cê sabe, que vai resorvê seu pobrema, então cê chega e num tem que tá esperano, acho que é certo, isso aí é bão..."*[24]

Assim, ao avaliar as mudanças ocorridas no processo de trabalho na indústria cerâmica: onde a meu ver, há uma constante modernização tecnológica, o Sr. "Zezinho" a vê como positiva. Ele nos coloca que simplificou bastante o trabalho fazendo com que a cerâmica produzisse mais e mais rápido. Interessante perceber, que o Sr. "Zezinho", não sente a intensificação da exploração com a modernização, para ele esta é vista como um fator que veio para facilitar o trabalho e não para desvalorizar seu trabalho e intensificar a produção, gerando mais lucros para seu patrão.

O Sr. Sebastião por um lado parece assimilar o discurso da classe dominante sobre o progresso quando avalia positivamente as mudanças para os trabalhadores, mas por outro lado, percebe que esse "progresso" favorece também o patrão. Ele nos conta que quando veio para a cidade não havia ainda eletricidade e todo o trabalho era feito manualmente. Esse tempo é lembrado como um tempo difícil, e sente uma melhora quando faz um balanço entre o passado e o presente. Para ele, o trabalho ficou "*100%*" melhor depois da modernização

---

[24] JOSÉ ALVES BORGES. Caminhoneiro aposentado da cerâmica Inca. Entrevista realizada em

tecnológica. Assim, o discurso da evolução, do progresso, do presente melhor que o passado, faz parte de sua linguagem e portanto de sua vida. Quando compara o trabalho há 30 anos atrás e hoje, é assim que o Sr. Sebastião avalia.

> *"Ah! Uns fala que hoje tá pior, não, mim tá não, hoje tá muito melhor. Hoje tá tudo mais fácil... Hoje cê trabalha tudo com máquina, tudo evoluído, né? Mesmo as pessoa ficô mais evoluído... Tudo hoje... hoje melhorou 100%."*[25]

Num outro momento, entretanto, podemos perceber na fala do Sr. Sebastião um outro nível de consciência, ele percebe a acumulação de capital de seu patrão. Ele percebe que a modernização tecnológica possibilitou ao proprietário da cerâmica um acúmulo de riqueza, e acha que essa "evolução" atingiu também o trabalhador que segundo ele, hoje vive melhor, e teve o mercado de trabalho ampliado; pois onde trabalhavam 22 pessoas, hoje trabalham 90; e tendo seu patrão outras 2 cerâmicas essa ampliação do mercado de trabalho foi ainda maior, pois abarcou mais 180 pessoas nas 2 cerâmicas, totalizando 270 empregos. O Sr. Sebastião não consegue vislumbrar as perdas que tiveram os trabalhadores como a substituição de força de trabalho pela máquina; quando ele coloca que onde trabalhava 22 pessoas hoje trabalha 90, ele não considera que a produtividade não cresceu apenas em proporção, mais foi além; pois ele mesmo coloca que em 1962, eles trabalhavam apenas com 1 prensa, fabricavam por dia uma média de 6.000 telhas, hoje são 6 prensas, e fabricam mais ou menos 56.000, eram apenas 4 fornos; hoje são14. Assim, se formos pensar em termos de proporcionalidade, a Indústria cerâmica hoje, emprega muito menos trabalhadores que há 20 ou 30 anos atrás.

> *"... cê vai trabaiano, a apareiage vem, né? Então cê vai evoluíndo. Por que cê vê né? Naquela época, nóis trabaiava tudo quase, manual, né? Hoje... cerâmica hoje é uma potência, nóis trabaiava aqui 22 pessoas, hoje nóis trabaia 90 pessoa... por cerâmica, cê vê que ... né? Tanto melhorô pros empregado quanto pros patrão né? Por que naquela época que entrei prá trabaiá com eles, nóis entremo aqui tinha 4 forno, só fazia francesa, hoje os patrão tem 3 cerâmica... várias fazenda,*

05/09/97.

[25] SEBASTIÃO MARINO CROCHELA. Gerente Geral na Cerâmica Inca. Entrevista realizada em 07/09/97.

porque tudo evoluiu, né?"[26]

Quanto ao controle do processo de trabalho, pudemos averiguar que apesar da inovação tecnológica, o que exige do trabalhador o desempenho de uma atividade específica, o trabalhador cerâmico em Monte Carmelo apreende e domina outras atividades. Neste sentido, a alienação, a falta de consciência derivada da produção mecanizada não podem ser atestadas como certas análises de cunho ortodoxo marxistas enfatizam; apesar da divisão técnica, da especialização, os trabalhadores cerâmicos têm oportunidade de conhecer e apreender as outras atividades que comportam a produção da cerâmica.

No tocante a esse domínio do processo de trabalho pelos trabalhadores, as falas tem nos revelado alguns aspectos instigantes.

Wendel nos conta que:

> *"...se você não tiver experiência de fazê todos os serviços eles pega, vai te instruindo pouco a pouco, um dia vai fazê isso, noutro dia vai subindo mais o serviço. Ai eles vão te explicando às vezes muitos funcionários lá até mesmo profissional no tempo de serviço né ? Pega uma (.?.) até você aprendê todas, aí quando precisa mesmo você tá (.?.) então você num pára lá dentro..."*[27]

O depoimento de Wendel demonstra que ao patrão ceramista, o parcelamento, a especialização do trabalho em uma só tarefa, não se coloca como necessidade fundamental para controlar os trabalhadores e sim diminuir os custos de produção, o que lança a idéia de que o controle sobre os trabalhadores cerâmicos pode ser exercido de outras formas, o que ainda permite pensar que há na cidade um grande exército de reserva de força de trabalho, que, possibilita a manutenção de salários baixos, a intensificação da divisão do trabalho via modernização tecnológica, com o objetivo de permitir aos empresários ampliar seus investimentos e criar novas fábricas. A divisão parcelar do trabalho na cerâmica, onde nosso depoente trabalhou, não se coloca como um instrumento importante para impedir que o trabalhador pudesse ter um controle sobre o processo de trabalho.

Assim, em nossa investigação, os trabalhadores puderam contar minuciosamente o

---

[26] idem

[27] WENDEL APARECIDO DE SOUZA. Ex-"tirador de forno" na cerâmica Inca. Entrevista realizada em

processo de trabalho e produção demonstrando o conhecimento sobre todo o processo de produção que vai desde a extração da argila nas jazidas, passando pela sua diferenciação, a quantidade necessária de cada uma para se ter uma telha de boa qualidade, até a saída da telha no forno e o carregamento dos caminhões.

O "Zé" Agostinho e o Sr. Odair nos fala da seguinte maneira:

> *"Essa qu'eu trabalho pur exemplo, quando cumeçô, ela tinha uma prensa só, assim... não no meu tempo (.?.) na época quando meu pai trabalhava nela, meu pai trabalhou nela em 1963... ele trabalhô nela... é... de 60 até 63, parece... ele trabalhô nela, então, era uma prensinha só ... telha francesa... só telha... naquele barro curtido, barro molhado... punha aquilo no caxote, depois tinha que entrá lá dento daquela lama ali... tinha que mandá o pé lá dento (.?.). Agora hoje não... hoje ninguém põe a mão em barro mais... o máximo que põe é igual eu, na máquina (.?.) caminhão leva... é tudo assim."*[28]

> *"De primero, aliás era meio assim, até uma palavra feia, era pelos coco, num era um trem assim, bem... bem organizado, né? Hoje não, hoje ela tá assim bem evoluida, né? Maquinário bom, é maquinário de... aonde... tem uma peça hoje uma... um maquinário hoje... as vezes gastava 2 -3 ali procê trabalhar, procê ajudá ele fazê, você num depende daquilo mais. Então tem que tê dinheiro, se num tiver dinheiro não monta por que é caro, caríssimo mesmo."*[29]

O domínio do processo de trabalho por parte de alguns trabalhadores, como "Zé" Agostinho, Sr. Odair, Ronaldo e Wendel, permitiu através de seus depoimentos, que pudéssemos entender este processo desde a retirada da argila (barro) das jazidas, o que é feito com máquinas, até a saída da telha da cerâmica.

Assim, estando o barro na cerâmica, deste, parte é guardado em grandes galpões e parte vai para o setor de produção, para a fabricação da telha.

A parte do barro a ser utilizada é colocada dentro do "caixote". Neste caixote, tem-se

---

20/07/1997.

[28] Idem.

três processos iniciais para a preparação do barro: o "tosador", o "desintegrador" e o "misturador".

O tosador corta a argila em tamanhos menores, o desintegrador dilui os pedaços maiores, faz com que o barro fique bem fino e o misturador, mistura as várias qualidades de barro.

> *"tem um tosadô, né? Chama tosadô, do tosadô, joga na correia 1, da correia 1, joga no desintegradô, do desintegradô vai caindo no misturadô, aí mistura, já tem um pouco de água."*[30]

Antes, quando não havia o "misturador", o barro era colocado em grandes "valas" de cimento, colocava-se uma camada de cada tipo de barro, juntava-se a isso um pouco de água e esperava vários dias, quando então, os trabalhadores entravam nessas "valas" e misturavam o barro pisando nele.

Vejamos como nos conta sobre essa mudança do processo de mistura do barro (argila) o "Zé" Agostinho, que não trabalhou nessa época, mas sabe nos contar bem como era:

> *"...hoje a cerâmica trabalha com barro seco, se o barro for molhado, ele num consegue fazê telha dele, antigamente, a pessoa colocava o barro dentro dos buraco de cimento, né? Chamava picadô... povo falava picadô, chamava um buraquinho do tamanho dessa sala aqui, ó, e enchia aquilo de barro, punha as camada de barro, punha 1 camada de barro preto, 1 de barro amarelo, 1 de barro branco, outro de preto, outro de amarelo, outro de branco, até enchê , aí punha água, aquele barro ficava uns 3 dia curtino, tinha vários buracos, cada um... era todo dia né? O que enchia hoje ia usá só daqui uns 3 dia e o que enchia amanhã, ia passano prá frente assim... agora hoje não, hoje o barro é seco, ele entra na máquina seco, mói primero, ele... depois de muído, passa num misturadô..."*[31]

---

[29] Odair Montes em 20/04/1997.
[30] RONALDO DIAS ROSA. "enchedor" de vagoneta na cerâmica Maia. Entrevista realizada em 05/09/1997.
[31] José agostinho em 20/04/1997.

Após misturar o barro, tem-se uma esteira que leva este barro para o "cilindro", dois cilindros que giram ao contrário, e que acaba o trabalho de "refinamento" do barro.

> *"...aquelas pelotinha que vai dá defeito na telha num dismancha, aí... nele girá um pouquinho mais que o outro, aquele barro além de passá prensado, passa esfregano e caino lá embaixo, né? Aí o barro fica lisim..."*[32]

Deste "cilindro", o barro é levado por outra esteira, cai na "maromba", máquina que "*...vai amassá o barro pra ele ficá... prá dar liga nele mesmo.*"[33] Da maromba o barro sai em forma de um "bastonete" e sendo levado por uma outra esteira, chega à "prensa", onde a telha toma forma.

À partir daí, o trabalhador participa mais de perto da "fabricação", pois até este momento, ele só controla as máquinas, verificando se está tudo em "ordem". Isso no entanto, não tira o conhecimento dele sobre o processo, como podemos ver no depoimento de várias pessoas como o "Zé" Agostinho (que trabalha na "barrera"), o Ronaldo (que trabalha de "encher" vagoneta), o Sr. Sebastião (que é gerente geral), o Sr. Odair (que é pedreiro) entre outros.

Ao se aproximar os "bastonetes" da prensa, há um grupo de trabalhadores (geralmente mulheres) responsáveis por retirá-los da esteira e untá-los com querosene ou oleína.

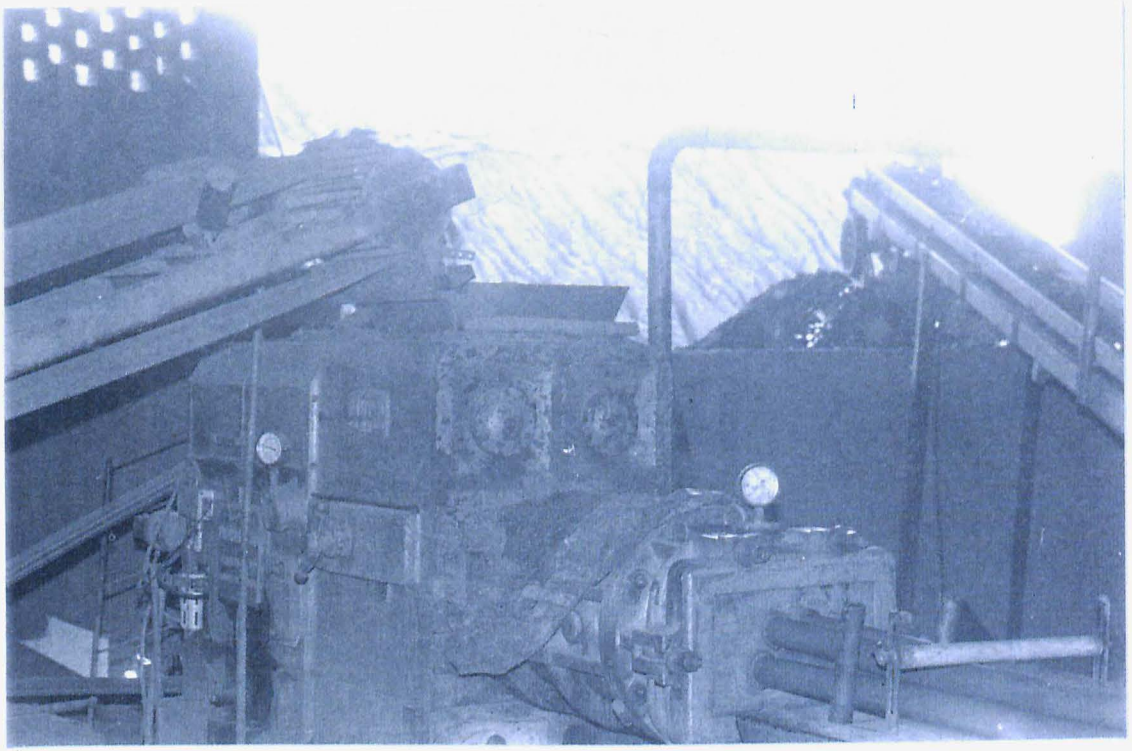
A utilização da oleína (substância feita à partir do óleo retirado da castanha) ou querosene para "untar" o barro pode causar intoxicação ou alergia à pessoa, mesmo assim esse é usado indiscriminadamente. Deste modo podemos ver o descaso para com a saúde do trabalhador, pois o odor da oleína se espalha por toda cerâmica intoxicando não só aqueles que trabalham diretamente com ela, mas os trabalhadores de uma forma geral:

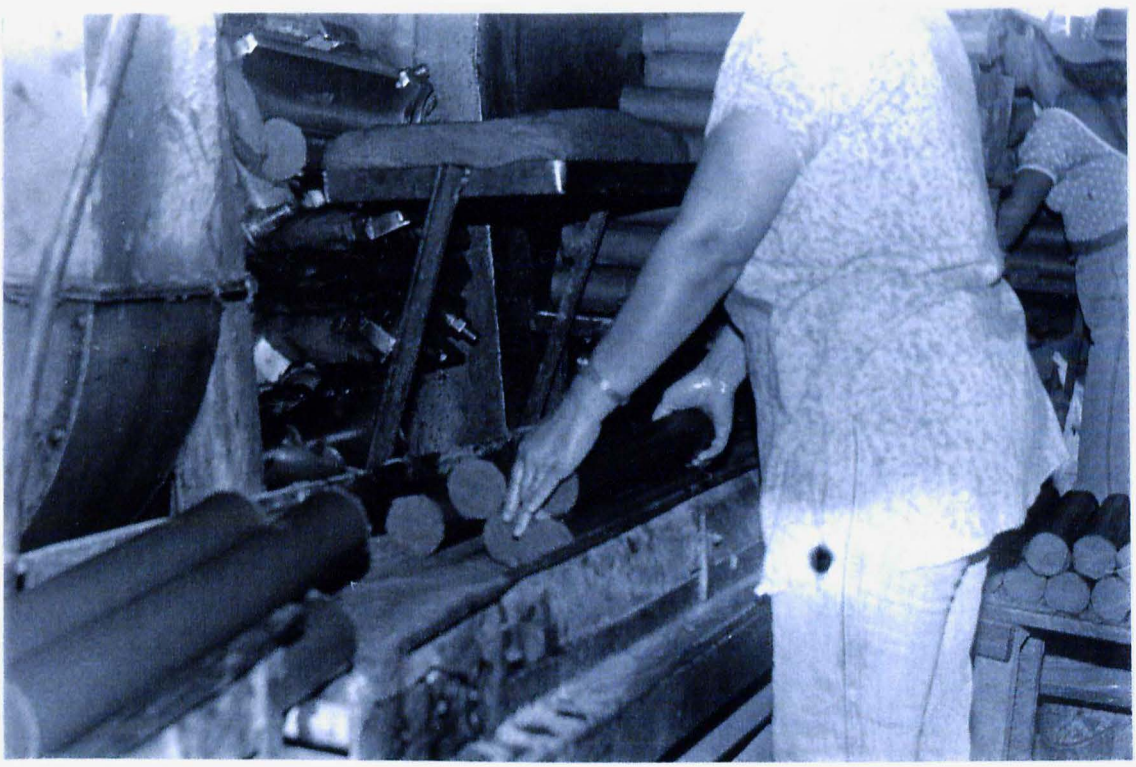
> *"...igual, o óleo, o óleo é tóxico a gente não tem proteção nenhuma, a gente não passa nenhum remédio prá que seja eliminado aquele tóxico porque ele vai descascando a pele todinha..."*[34]

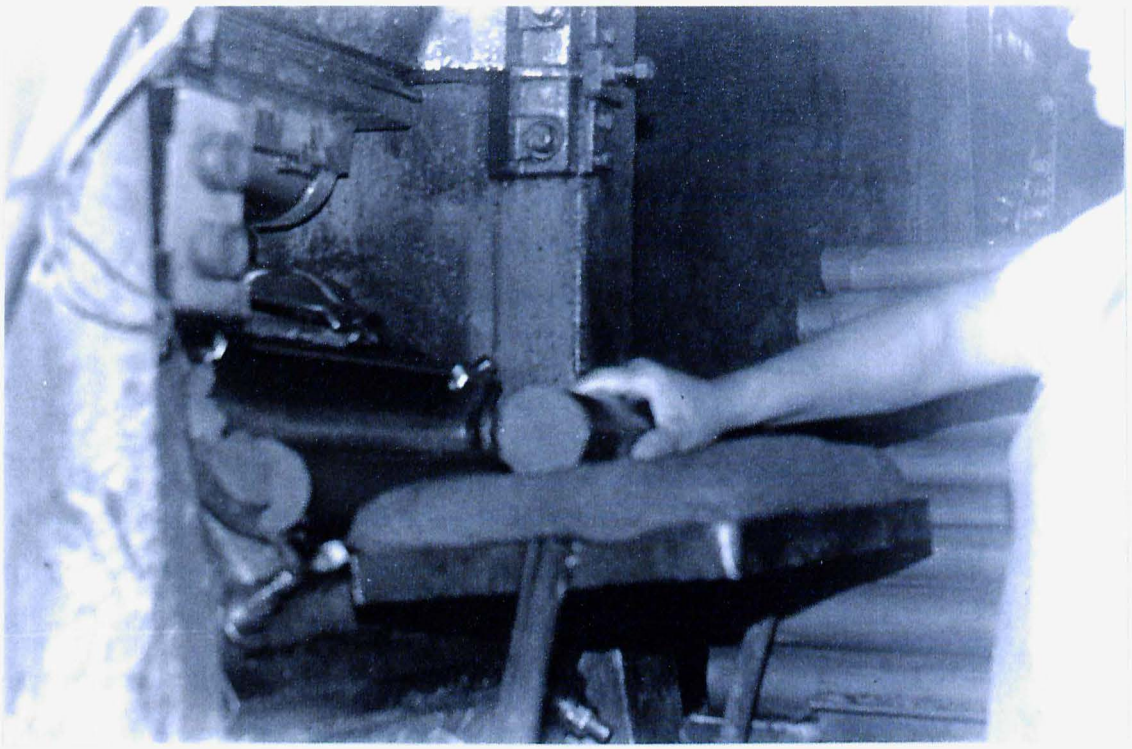
O barro "untado" é colocado sobre uma "banca", onde um outro grupo de

---

[32] Ronaldo em 05/09/1997.
[33] Idem.









trabalhadores vai pegando e colocando-o na prensa, máquina que vai moldar a telha.

Quando não havia a prensa elétrica eram quatro pessoas que trabalhavam na prensa, o Sr. Sebastião relembra como era o trabalho neste sistema de prensa:

> *"Uai, era... trabalhava 4 na prensa, né? Tinha uma prensa colonial... colonial essas, como é que cham a, então ficava...é francesa... um no barro, outro virando, galapa, e outro pegano, era assim, naquela época, né?"*[35]

Para o fato de a maioria das pessoas que trabalham na prensa ser mulher, os trabalhadores têm muitas explicações que deixam vir à tona alguns de seus conceitos acerca da mulher e de seu papel desempenhado na sociedade. Assim, pude ouvir várias explicações, uns atribuem o fato à "paciência" das mulheres, pois o trabalho exige que o trabalhador fique "preso" no lugar por um longo tempo, sem poder sair para tomar água ou ir ao banheiro. Outros atribuem um certo determinismo do trabalho à mulher, como por exemplo o Sr. "Zezinho". Para ele, as mulheres trabalham nas prensas por que são mais rápidas e atenciosas e elas já foram "treinadas" para aquele serviço:

> *"Sempre é turma de mulher. Por que, elas é mais rápida, né? elas já treinô pr'aquilo, então pode vê, é só mulher que trabalha na prensa..."*[36]

Ao que parece no entanto é que o trabalho na prensa por ser o de remuneração mais baixa, geralmente os homens adultos, mais especificamente os casados preferem trabalhar na "enfornação", ou seja, nos fornos ou em outras funções onde ganham um pouco melhor, ficando o trabalho das prensas para as mulheres e adolescentes.

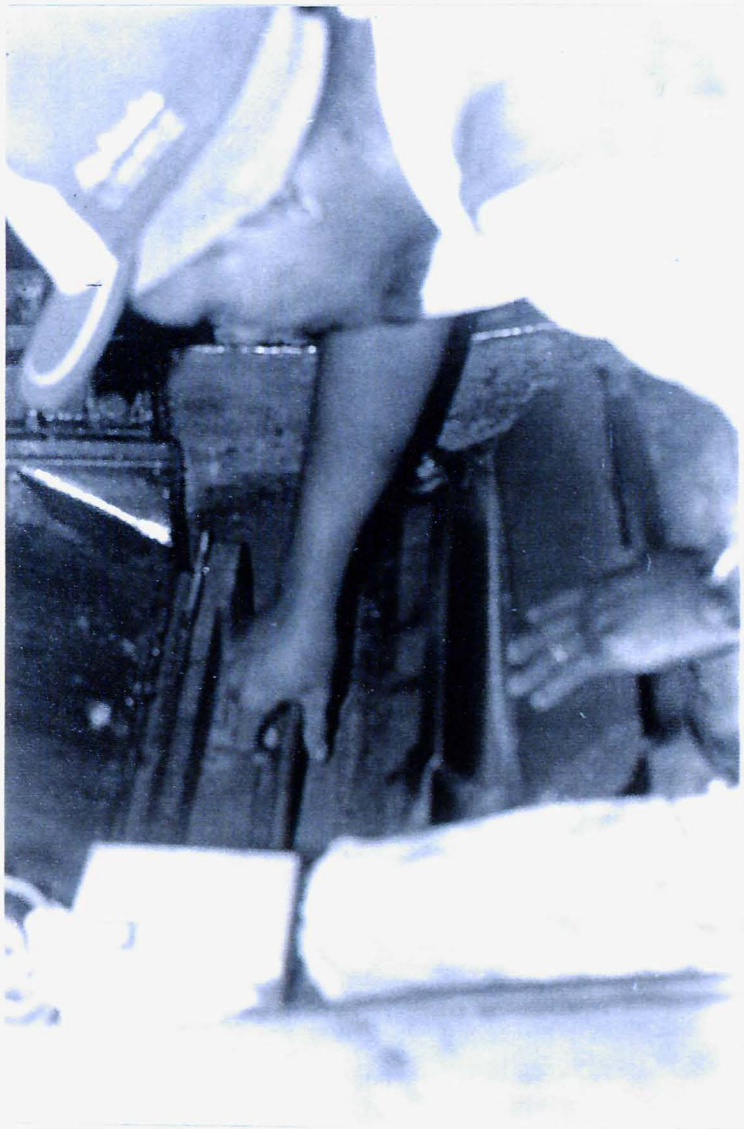
Após "prensar" o barro, tem-se o que os cerâmicos chamam de "telha verde", é a telha molhada, que sai da prensa. Assim a "telha verde" é colocada novamente noutra esteira para que um outro grupo de trabalhadores passem a "encher" as vagonetas.

Hoje em dia, a maioria das cerâmicas já possuem este sistema de "vagonetas", apesar de que em algumas ainda se trabalha com o sistema de "grades".

O sistema de vagonetas consiste em um trilho que percorre o caminho das prensas até o "secador" e passa perto dos fornos. Neste trilho, há pequenos vagões (as vagonetas) abertos

---

[34] Wendel em 20/07/1997.
[35] Sr. Sebastião em 07/09/1997.





e divididos horizontalmente por tábuas, onde são colocadas as "telhas verdes" e levadas para o "secador".

O secador é um cômodo que permanece aquecido 24 horas, onde são colocadas as vagonetas com as "telhas verdes" para que estas sequem e estejam prontas para a "queima".

No sistema "antigo", ou seja, de "grades", as "telhas verdes" eram colocadas em "grades" de madeira e levadas para secar no sol. O Sr. Sebastião e o "Zé" Agostinho relembram como era antes do sistema de vagonetas:

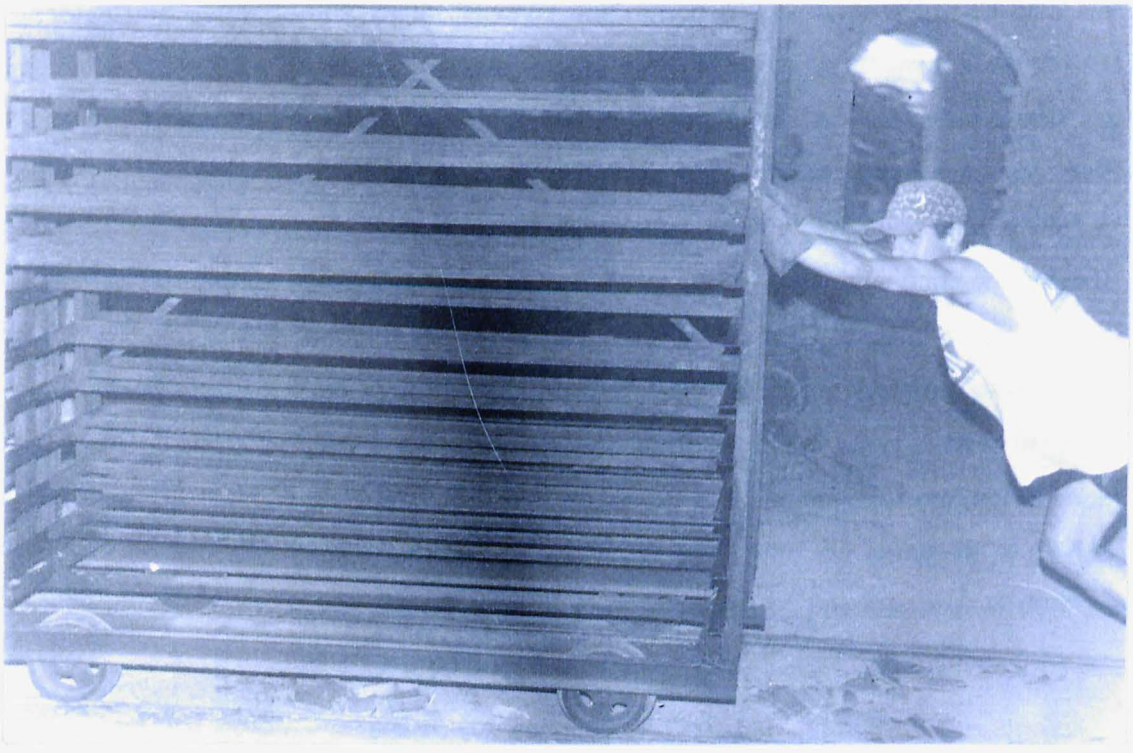
> *"Punha tudo pra secar no sol; então as grade era pouca, nóis punha no chão... sabe, esparramado depois, de tarde enfornava pra acabar de secar..."*[37]

> *"...que antigamente, era umas gradinha e... aí, uma que era muito mais mão-de-obra tinha uma pessoa assim, pra pegá o carrim, saí com aquilo, tinha que enchê as estufa, prá depois colocá o calor nela. Agora hoje não, a vagoneta..."*[38]

O próximo passo é "encher" os fornos. Estando seca a telha, esta é levada nas vagonetas até próximo aos fornos (até onde vão os trilhos), há um grupo de trabalhadores que vão retirando as telhas das vagonetas e colocando-as dentro de um carrinho de mão para levá-las até o forno. Este trabalho exige um certo "saber" quanto à disposição das telhas dentro do forno. Assim que os fornos estão cheios, fecham-se as duas portas existentes e começa o processo de aquecimento. Este deve ser feito de forma gradual até atingir 900º para garantir a boa qualidade do produto final.

> *"...Aí... aí eles coloca o fogo.. é devagar, o fogo, na 1ª noite num pode passá de 150º, aí... é... tem... até 200º cê tem que... é... levano o fogo divagar, prá tira, que as veiz dá um miolo branco, é... até dá o miolo, né? Vai quemano por fora, divagarzinho, e vai quemano lá dento, vai sobrano o miolo, vai diminuino, então, se ocê quemá a telha antes de tirá o miolo; aquele miolo vai branquiá, depois dele branquiá... depois dele branquiá, ele*

[36] Sr. "Zezinho" em 05/09/1997.
[37] Sr. Sebastião em 07/09/1997.





mum caba mais, num dá defeito na telha, mais compradô que mum cunhece, acha que aquilo é defeito, sabe? Mais mum tem defeito, ***só que, quem num cunhece acha que é defeito.*** *Aí depois que atinge 200° no forno inteiro, aí esse miolo acaba... aí eles... eles aumenta o fogo bem... assim gradativamente, mais bem rápido, é... aí ele vai chegá a 900°, em cima dele, a 900°, aí quando chega em 900° em cima, a pessoa mum pode colocá mais muito fogo, tem que... é colocano poco, o calor lá em veiz de subí, ele desce, é incrível, né? Pur que a chaminé puxa, é pra baixo, sabe? O fogo entra por cima das telha, a chaminé puxa pro chão. Do chão é que sai pra chaminé. Aí que vai desceno calor, então quando ele chega a 800° em baixo, aí já tá bão, com 800° a telha já fica queimada só que tem que dá 900° em cima prá dá 800° lá embaixo, sabe?*[39]

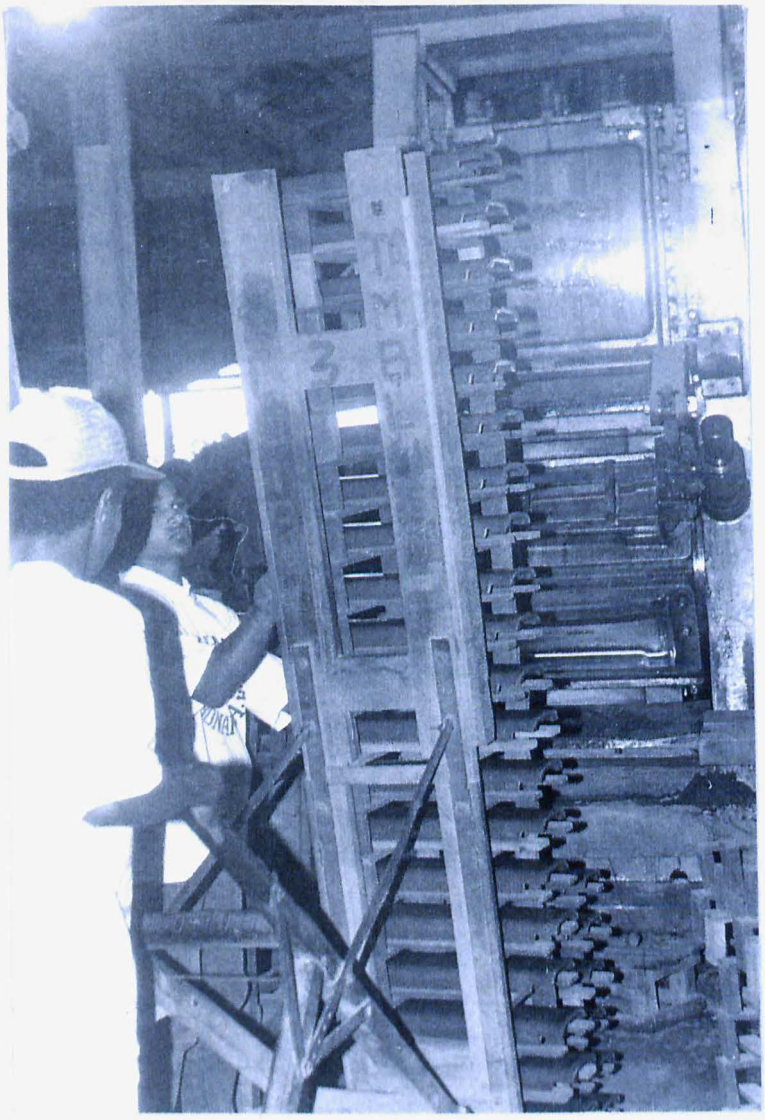
Telha pronta, entram em cena, os "tiradores" de forno. O "tirador" de forno trabalha geralmente à noite, ou de madrugada, pois trabalhando esse horário, ele garante o forno desocupado já na manhã seguinte.

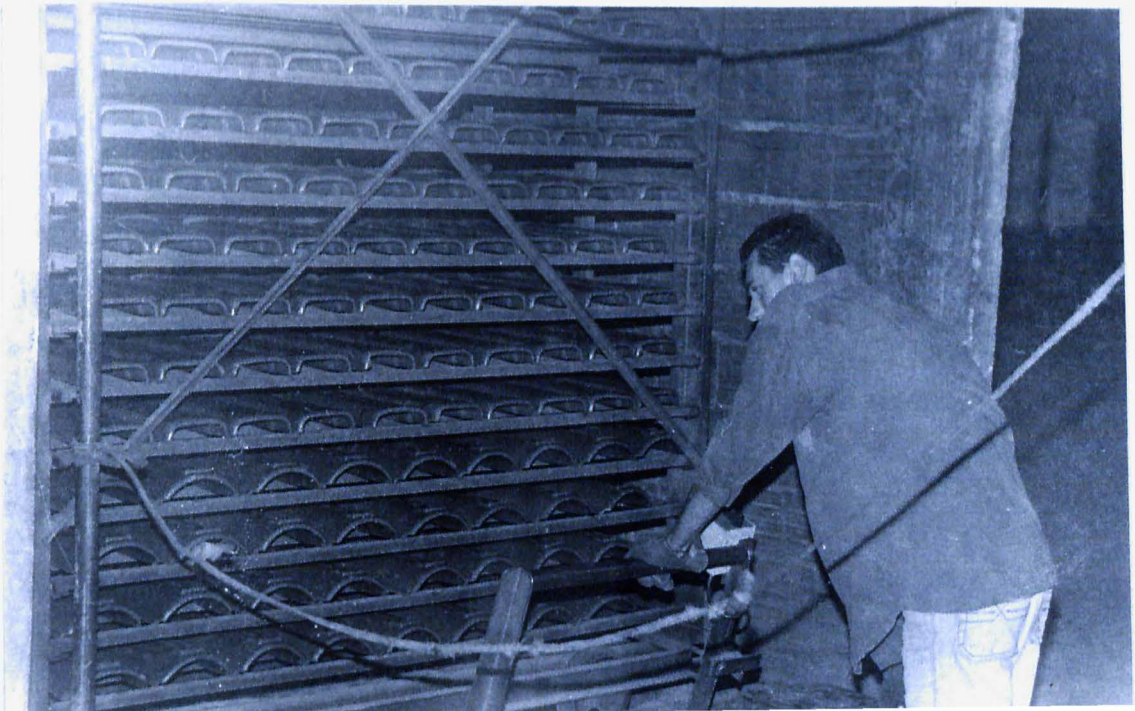
Para além da garantia do forno desocupado na manhã seguinte, o trabalho é realizado à noite devido a intensidade do calor no interior do forno. Sendo este aquecido até 900°, mesmo quando "frio" (atinge uma média de 35°), o trabalho durante o dia seria ainda mais desgastante fisicamente que a noite quando o clima está mais "fresco".

Wendel nos fala sobre esse trabalho, e lembra quando desempenhava essa atividade, ele conta que o trabalho era feito de madrugada; e por isso a "quentura" não era sentida tanto quando ele trabalhava na estufa (secador) . É assim que Wendel recorda:

"(...)depois passei pro secador, secador é muito quente, tinha que pegá empurrando a vagoneta até lá dentro do secador(...)Esse lá eu num fiquei muito tempo não, já tava ficano desmutrido(....)já na enfornação eu trabalhava mais era de madrugada, trabalhava, pegava 3 hora ia até 7,8 horas da

[38] José Agostinho em 20/04/1997.
[39] José Agostinho em 20/04/1997.





manha já parava só naquele período."[40]

Trabalhando no forno ou no secador, certamente o trabalhador sofrerá com o excesso de calor. E esse prejuízo é maior quando se tem que trabalhar o tempo todo naquele trabalho.

Ao contar que muitas pessoas passaram mal trabalhando nesses dois lugares, Wendel não falou sobre resistência a esse tipo de trabalho; mas, o fato de terem colocado duas pessoas para fazer esse serviço (assim, enquanto um "descansa" outro trabalha e vão revezando) pode ser o indicador de uma luta; travada em função de preservar a saúde. Assim, talvez os trabalhadores reivindicaram mais de uma pessoa para esse trabalho.

Wendel nos fala da seguinte maneira:

> *"Até que agora determinaram... que muita gente passou por lá, muitos até parente mesmo já desmaiaram porque não agüentou a caloria, aí agora já tão, tem duas pessoas já são, já 2 pessoa enquanto um descansa, aí o outro entra."*[41]

Assim, *"...os tiradô de forno, vai e tira, põe lá no depósito, aí tem os enchedô de caminhão, que enche o caminhão, onde a telha vai pro destino."*[42]

As condições em que é realizado todo esse processo e as conseqüências que causam ao trabalhador é também percebida e analisada por eles, que, ora resistem e ora se acomodam à situações muitas vezes desumanas.

A denúncia sobre a falta de segurança e a insalubridade no trabalho tem sido um "lugar comum" na fala dos trabalhadores que a princípio se mostram receosos em falar sobre essa questão, mas sempre acabam deixando claro que as condições em que trabalham são péssimas. Neste sentido, o medo explicitado em suas falas demonstra o grau de dominação a que estão submetidos.

Seja na prensa, onde os acidentes são mais comuns (e menos graves, segundo eles), pois exigem atenção em tempo integral; seja no "caixote", onde o que está em jogo é a própria vida; seja na estufa ou secador, onde o resultado pode ser uma desidratação, pneumonia, pois o calor é exacerbado, ou mesmo a intensa poeira que há na cerâmica, ou ainda o choque térmico sofrido por aqueles que trabalham de "tirar" e "encher" forno, as péssimas condições de trabalho estão sempre presentes nos depoimentos, que muitas vezes vieram com um tom de

[40] Wendel em 20/07/1997.
[41] Wendel em 20/07/1997.





revolta e outras vezes saíram "sem querer". Neste sentido, podemos ver que os trabalhadores estão atentos a essas questões, que eles percebem o risco que seu trabalho traz à sua saúde e que, apesar disso percebem que para o capital, não são valorizados enquanto força de trabalho.

Vejamos como o depoimento de Elizângela pode nos transmitir essa angústia do trabalhador ao falar das condições de trabalho:

> *"segurança lá é muito poca: muita gente aí trabaia discalço, né? Eles (patrão) num dá uma butina, num dá nada prá eles num machucá o pé..."*
> *"... Eu acho assim que divia tê mais segurança pra ele, por que alí, ele tá arriscano a vida dele mesmo, talvez pode caí dentro do buraco, que nem aconteceu aquele caso, né? Qu'eu te falei do minino, num teve segurança nenhuma, se ele tivesse caído lá, eles num ia dá nada prá ele. Ia falá que ele tava brincano, a culpa era dele."*[43]

Nos vários depoimentos pudemos perceber que a maior incidência de acidentes parece ocorrer mesmo nas prensas, onde é exigida a atenção do trabalhador todo o tempo. Assim mesmo, quando acontecem, são vistos como falta de responsabilidade do trabalhador que é relapso, e também é atribuído ao fato de ser "mulher" e que esta não presta atenção no trabalho, como nos fala o Sr. Odair:

> *"nas prensa é onde que trabalha mais mulher... que a telha sai pronta, tem o rebarbeador, ondé que ela corta..."*[44]

Pudemos verificar também o descaso patronal diante da grande incidência de acidentes. Neste sentido a criação da CIPA (Comissão Interna para Prevenção de Acidentes), não parece atuar de forma efetiva na prevenção de acidentes, seu papel parece estar restrito ao "marketing", ou seja, ter a CIPA na cerâmica parece ser positivo para a imagem desta. No entanto, o seu funcionamento efetivo parece não acontecer pelo desinteresse patronal mesmo,

---

[42] Ronaldo em 05/09/1997.
[43] ELIZÂNGELA ABADIA DE SOUZA. Trabalha na prensa na cerâmica Inca. Entrevista realizada em 13/07/1997..
[44] Sr. Odair em 20/04/1997.

vejamos o que nos aponta a fala do Sr. Odair:

> *"...é dos próprios trabalhadores, é pra ajudá... fazer né?(...) mais aquilo procê ser bão pros funcionário... você tá entendendo?"*[45]

A reticência nos aponta para as dificuldades encontradas pelo trabalhador ao tentar fazer que a CIPA cumpra de fato o seu papel. Assim, a fala do Sr. Odair nos remete ao descaso do patrão quando os trabalhadores buscam soluções, ele deixa transparecer que não há interesse do patrão em zelar pela segurança do trabalhador.

Ao falar sobre as condições de trabalho, Elizângela faz questão de deixar claro a insalubridade do local e a grande incidência de acidentes que se verifica lá.

Ela conta que ao "bater o barro", este pode voltar e bater no braço quebrando-o; ou ao carregar as telhas, estas podem cair nos pés e machucar, já que muitos trabalham descalço; pois não tem ou não querem colocar os sapatos seus para trabalhar e os proprietários ceramistas não se preocupam, deixando a segurança por conta dos trabalhadores. Assim, Elizângela também nos revela o descaso dos patrões para com os trabalhadores.

Outro acidente que Elizângela nos conta está relacionado ao óleo utilizado para untar o barro antes de coloca-lo na prensa. Sendo o tal óleo inflamável, já aconteceu casos em que este pega fogo na mão do trabalhador. E só não ocorreu queimaduras mais graves em função do trabalhador ter sido ágil conseguindo combater o fogo.

> *"...de uma pessoa tá bateno o barro, a otra pegá ficar brincano com o barro e o barro bate na mão assim, aí de repente quebra o braço(...)teve acidente lá embaixo também que pegô, a telha caiu depois, um punhado de teia caiu em cima do pé de um cara lá, teve acidente de...da vagoneta passá em cima do pé, teve a vagoneta cair em cima de outro, teve muitos casos de pegar fogo de óleo pegano fogo nos oto, mais foi assim, acidente até coisado, saiu correno do fogo aí num deu pra queimá assim não."*[46]

Acidentes desse tipo são considerados como de pouca importância ou sem gravidade para muitos. A Elizângela porém percebe que acidente é sempre acidente e que se foi grave ou

---

[45] Sr. Odair em 20/04/1997.
[46] Elizângela em 13/07/1997.

não, não vem ao caso, o importante para ela é perceber que houve o acidente em função da falta de segurança e que isso deveria ser levado em consideração.

No entanto quando ela se refere a ação contra esse descaso para com o perigo dos acidentes, Elizângela diz que o trabalhador, na opinião dela, não deve resistir ou lutar contra isso. Pois o "poder" que o patrão tem pode vir a prejudicá-los também de outras formas.

Assim, ela deixa vir a tona sua postura enquanto trabalhadora cerâmica em Monte Carmelo. A seu ver a resistência à dominação patronal perpassa espaços mais amplos que o controle patronal exercido sobre os trabalhadores a fábrica.

Para ela, greve, entrar na justiça, solicitar indenização não se constituem estratégias plausíveis de luta na medida em que o poder patronal se estende a todas as instituições públicas na cidade.

Sobre essa força política, Elizângela se expressa da seguinte forma:

> *"Uai! Por que se ocê for brigar com eles, cê num vai ganhar nada, eles que ganham, que eu num sei quê que eles arrum lá, que eles compra eles, compra o promotor, compra o juiz, que eles ganha, num sei quê que ele apronta, tem(.?.)tem advogado, tem tudo né? Eles é os mais ricos daqui, aí fica assim, do jeitinho que eles querem(...)Qualquer coisinha que acontece é ocê que leva, foi ocê e tal, ocê fica alí, eles fica sempre na sua marca, sabe, se ocê for tomá atitude assim na cerâmica, melhor cê num tomá, melhor cê fica quetinha, porque aí vai sujano seu nome mesmo, em vez de ser o deles.(...)Por que se ele for lutar suja o nome dele, com é que ele vai trabalhar nessas lojas, em outra cerâmica, em outros lugares?"*[47]

Essa fala nos permite perceber que estes trabalhadores apresentam uma consciência clara da correlação de forças desfavoráveis a eles, ou seja, face ao poder político local, os trabalhadores não apresentam canais de expressão e sua força política é menor.

Desta forma, suas lutas parecem se realizar num nível individual e desarticulado. Entre os indícios que nos levam à interpretação dessa "desarticulação", a explicação pode estar a eficaz ação repressora dos patrões, pois sendo Monte Carmelo uma cidade que oferece poucas opções de trabalho , estes acabam se submetendo às ameaças do patrão.

Todavia a presença da Associação dos Ceramistas de Monte Carmelo pode ser apontada como um forte fator que coibiu e vem coibindo a ação destes trabalhadores, o que denota de um lado que os trabalhadores não são apáticos e totalmente submissos à dominação capitalista.

Através de um breve histórico elaborado por um dos membros de tal associação, podemos perceber a necessidade destes de se "organizarem" certamente em resposta às pressões dos trabalhadores. Vejamos o que diz um trecho deste histórico:

> *A Associação dos ceramistas de Monte Carmelo, fundada em 1º/05/89, teve, e, tem por objetivos, a congregação de esforços para a superação de problemas comuns, inerentes à atividade* (grifo meu) *e a formação de uma mentalidade associativista que permita o setor desenvolver políticas homogêneas de comportamento empresarial, que levem ao progresso de cada associada, evitando concorrências predatórias* (grifo meu), *possibilitem o aperfeiçoamento técnico do produto e, pelo volume, qualidade e tradição do nosso parque cerâmico, por esta associação através de medidas apropriadas, influir positivamente sobre os instrumentos que atuam sobre o mercado. (...)"*[48]

À partir deste documento elaborado pelo Sr. Edson, presidente da associação, temos pistas implícitas de ações de resistência dos trabalhadores e a "necessidade" destes se organizarem. A Associação patronal seria uma resposta coletiva dos empresários para deter as reivindicações dos trabalhadores.

A fala de Wendel é esclarecedora dessa política realizada pela associação de sua eficácia bem como do conhecimento que o trabalhador tem dessa política:

> *" No caso de algum trabalhador entrar na justiça? Ele fica...é perigoso até ele ficá sem emprego, por que (.?.) parece que tem até o Sindicato de Cerâmica* (Associação dos Ceramistas) *mesmo, um escritório onde que é feito todos os projeto de cerâmica, né? Como que sai, como que vende (...) Então ali, o que acontece na cerâmica o outro patrão sabe, né? Aí se você*

[47] Elizângela em 13/07/1997.
[48] Trecho retirado de uma proposta acerca da criação de um SEGURO DE FRETE E CARGA elaborada

leva eles por causa do acerto, aí toda cerâmica fica sabendo, aí é muito difícil você arrumar serviço."[49]

Wendel nos aponta para uma ação de resistência onde podemos detectar claramente uma das formas que o controle patronal é exercido sobre o trabalhador:

"...tava aumentando muito o índice de acidente aqui, tava alto né? Então Rede Triângulo teve aqui trazeno um projeto, trabalhando nesse projeto, nesse trabalho eu já várias pessoa que manifestou falano do salário, falano do jeito que era lá dentro, a doutrina, né? Muita gente perdeu o serviço, até hoje tá sem trabalhá, num trabalha, não." [50]

A presença da Rede Triângulo realizando esse trabalho de denúncia às condições de trabalho teria partido da Rede de TV ou dos trabalhadores? Quem teria denunciado as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores? É uma questão a responder.

Diante da atitude do patrão em mandar embora o trabalhador que denuncia sua condição, percebemos que estes conhecem o significado que o emprego tem para o trabalhador, ele sabe que a segurança do emprego é um valor para o trabalhador cerâmico e se utiliza disso a seu proveito.

Ameaça o trabalhador naquilo que lhe é caro: o seu emprego, a garantia de que amanhã ele terá onde trabalhar e que no fim do mês, mesmo sendo pouco, seu salário está garantido.

Deixar o trabalho no meio do expediente também se configura uma resistência. Quando o trabalhador deixa o trabalho em meio ao expediente, não é atoa que o faz, ele resiste, ainda que de forma isolada; ele dá um basta à exploração que percebe naquele momento. Ainda que volte no outro dia e trabalhe o dia todo; há que se considerar essas atitudes como momentos de percepção da exploração e resistência a ela, e sua volta no dia seguinte pode ser entendida levando-se em conta um conjunto de elementos; dos quais podemos ver a necessidade do emprego; o valor mesmo que este tem para o trabalhador, que muitas vezes prefere se sujeitar a situação de exploração em vez de buscar outros caminhos para sobrevivência.

---

pelo Sr. Edson, presidente da Associação dos Ceramistas de Monte Carmelo. Texto mimeografado.

[49] Wendel em 20/07/1997.

O trabalho também pode tomar outras conotações como para Eusiane Abadia Rodrigues, 24 anos, casada e trabalhadora cerâmico desde os 15 anos, o trabalho é visto com um certo "prazer", ela diz que quando entrou na cerâmica não sabia fazer o trabalho, mas agora, que já conhece o processo de trabalho, distingue bem o que gosta de fazer lá, para ela o trabalho é feito com "prazer":

> *"Ah! Eu gosto, trabaio que eu mais adoro de fazê é batê barro, né? Por que pegá teia num... sô chegada não."*[51]

Sendo assim, temos que considerar que o trabalho também parece se configurar como um local de "lazer".

Outro aspecto que "Zé" Agostinho nos aponta é em relação à irregularidade dos direitos trabalhistas: tendo sua carteira de trabalho assinada "por baixo", ou seja, enquanto ganha 4 salários mínimos e mais horas-extra, sua carteira é assinada com menos de 2 salários mínimos.

Essa prática parece ser um meio comum dos proprietários burlarem as leis, sonegando impostos. No entanto quem se prejudica, uma vez mais, com essa prática são os trabalhadores. Estes quando precisam dos serviços da previdência social, como por exemplo, ao aposentar-se, têm seus salários reduzidos, sem que possam contestar:

> *"... minha carteira é assinada por baixo, então se eu caí no Inps, eu num vô recebê quase... vô recebê menos de 2 salários mínimos..."*[52]

Isso preocupa "Zé" Agostinho e outros trabalhadores, porém, ele não vê saída, pois sendo essa a condição imposta pelo proprietário/patrão, ele se vê fadado a aceitá-la, pois precisa de seu emprego e se não aceitar corre o risco de perdê-lo em função de seu trabalho que não exige qualificação e de haver um mercado de "reserva" de força de trabalho.

A solução para o problema, estaria, para "Zé" Agostinho, "fora dele". Ele acredita que este problema poderia ser solucionado, ou seja, poderia ter sua situação regulamentada, se houvesse um sindicato forte e de "influência", mas que é organizado fora do contexto do

---

[50] Wendel em 20/07/1997.
[51] EUSIANE ABADIA RODRIGUES. Trabalha na prensa na cerâmica Inca. Entrevista realizada em 16/07/1997.
[52] José Agostinho em 20/04/1997.

trabalhador, por outras pessoas, ele não se sente envolvido na organização, seria necessário que uma pessoa com "boa vontade" e que "entendesse de direitos trabalhistas", como ele mesmo nos coloca, e ainda que tivesse "condições financeiras".

A idéia que "Zé" Agostinho tem de uma organização de trabalhadores chega a ser utópica, alguém que tenha vontade de ajudar os trabalhadores, que lute pelos anseios deles, que tenha condições financeiras e que conheça de leis trabalhistas. Ele não vê a organização como algo que parta dos próprios trabalhadores que têm interesses comuns e que busque eles mesmos os conhecimentos das "leis trabalhistas" e "fundos" para veicular as lutas.

Ao refletir sobre a organização e sua situação no trabalho, ""Zé" Agostinho, o faz da seguinte maneira:

> *"...nóis num podemo fazê nada... fala: Oh! se ocêis qui"Zé" trabalhá é assim, se nóis num qui"Zé", num trabalha, eles num coloca... eu recebo 4 salário mais hora-extra, mais eles num coloca isso na minha carteira... se tivesse um sindicato bem feito, que funcionasse bem, isso podia mudá!"*[53]

Outra questão a se notar é a forma como "Zé" Agostinho evoca um "líder" para a iniciativa de uma organização dos trabalhadores. Para ele, uma organização efetiva passa essencialmente por uma liderança, que tem que ser forte e capaz de enfrentar o poder hegemônico da indústria cerâmica em Monte Carmelo, assim, em seu modo de pensar é esse líder quem deve reunir os trabalhadores.

> *"... Prá formá isso, tinha que... prá cumeçá, tinha que sê as pessoa que entenda e que tenha influência, entende até de direito trabalhista, entende assim, bastante... e já, cumé que começa, por que o sindicato depois de montado deve ser fácil manter... mais pra cumeça fazê... pra montá o sindicato tem que sê a pessoa que entende e que além de influência... e vontade de fazê... e condições, né?Condições finaceiras, né? Por que aqui se a gente falá que vai mexê com sindicato e alguém subé, aquele que falá, tá no... tá na rua."*[54]

---

[53] Idem.
[54] Idem.

Á partir da fala de "Zé" Agostinho, podemos perceber que para ele há necessidade de um líder que dirá aos trabalhadores que caminhos a seguirem em busca da realização de seus objetivos. Ele não percebe uma organização que parta da iniciativa dos próprios trabalhadores:

> *"... Eu creio que foi malfeito também, que isso tinha que tê uma liderança... é a primeira coisa, uma liderança forte que... que entendesse bem do assunto..."*[55]

No tocante às relações estabelecidas no interior da cerâmica, em especial as relações entre trabalhadores e os patrões, elas me pareceram muito complexas e muitas vezes atingem uma dimensão pessoal. Dessa forma podemos ver as diferenças a partir das falas dos trabalhadores e buscar entender um pouco mais essa difícil relação. Alguns descrevem a relação como um "mar de rosas", outros deixam transparecer os conflitos.

Assim, podemos notar num primeiro momento um respeito e valorização do patrão em relação a alguns trabalhadores, estabelecendo-se então uma "amizade", amizade essa que ora é vista com desconfiança pelo trabalhador e ora sem restrições.

Quando fala do patrão, Wendel deixa claro que só pelo fato de "ser o patrão", já se determina uma distância. Ele diz que o patrão (os patrões , no caso, pois são 3) até tentam se aproximar, mas, ele prefere manter a distância.
(Essa tentativa de aproximação "brinca muito com a gente", seria em função da relação estabelecida com seu pai? Que também é trabalhador já com 27 anos de serviço?). Essa pergunta talvez tenha resposta positiva, ao comparar o depoimento de Wendel com outros trabalhadores da mesma cerâmica, percebi que alguns trabalhadores (o "Zé" Agostinho e Sr. Sebastião) também revelaram ter um "bom" relacionamento com os patrões, enquanto outros como, Elizangela (que é irmã do Wendel), Eusiane e Ronaldo ao referenciar os patrões o fizeram com grande rancor não demonstrando qualquer tentativa de aproximação por parte de ambos.

A amizade do patrão é aceita pelo Sr. Sebastião sem restrições que considera o patrão como "companheiro"; segundo ele a posição social que o patrão ocupa e que, deveria ser para ele motivo de uma segregação entre patrão e trabalhador não se constituiu. Isso é para ele uma grande virtude do patrão que não faz distinção de classe social ou etnias. Ele se sente grato

pela confiança depositada nele pelo patrão e talvez seja este um fator que dificulte uma visão mais crítica da figura do patrão:

> *"... Eles aqui é o seguinte, eles num são patrão, são os companheiros da gente, sabe? Eles... cê vê, eles é um empresário muito rico, tá sendo quais, os maior de Monte Carmelo, então é o seguinte, eles conversa com os empregado tudo... sabe? Num tem... brinca com todo mundo... (...) num tem preto, num tem branco, num tem nada (...) com a gente tem(.?.) confiança, escritório esses trem... a gente... tanto é que eu tenho a chave de tudo quanto é trem deles eu tenho."*[56]

Já Elizângela revela uma relação com o patrão marcada pelo descaso deste com os trabalhadores, segundo ela o patrão não vai ao seu setor de trabalho e nem sabe quem são os trabalhadores ou o que acontece dentro da fábrica e nem está interessado em saber. Assim, pude perceber que as relações patrão/empregado também adquirem dimensões diferentes, alguns poucos trabalhadores mantém um bom relacionamento. Em função de quê isso ocorre? Seria devido ao conhecimento do trabalhador que é reconhecido pelo patrão que percebe a importância de ser ter no seu "domínio", ou ao seu lado, pessoas que possuam um conhecimento e experiência no trabalho? Será que a diferenciação no tratamento se deve mesmo a vínculos de amizade que se estabeleceu entre eles, pois, quando pensamos na figura do patrão temos que perceber que mais que um capitalista com vistas para o acúmulo de capital, ele tem uma dimensão humana, que é capaz de gostar e estabelecer relações amistosas? Talvez as respostas sejam todas. De um lado o patrão percebe o valor do trabalhador pelo que ele faz e sabe e de outro acaba estabelecendo laços de amizade com ele.

No caso da Elizângela vemos que o descaso parece ser mais comum que a valorização. Vejamos o que ela nos conta a esse respeito:

> *"Ah! O patrão! É...passa longe berano de min , aí num tem uma reunião pros trabaiadô, num tem, pode tê reunião só quando tem política, só se for. Reunião pra sabe como é que o trabaiadô tá na cerâmica, como é, como é que o povo tá, né? (...) Por*

---

[55] Idem.
[56] Sr. Sebastião em 07/09/1997.

causa que nois tem que tê creme lá, tem que tê proteção, num tem, e eles também num adquire isso, num faiz reunião, eles nunca nem sabe o setor que eu trabalho..."[57]

Podemos perceber dessa forma, que as relações estabelecidas entre patrões/empregados não estão determinadas, elas vão se forjando na convivência cotidiana e adquirindo vários matizes.

Quando falam acerca das relações com os colegas de trabalho, os trabalhadores nos apontam para uma relação um tanto interessante. Trabalhando juntos o dia todo, muitos trabalhadores acabam estabelecendo laços de amizade.

Interessante perceber que o círculo de amizades deles são diferenciados; ainda que se relacionem amigavelmente no trabalho; onde contam que "todo mundo é conhecido, brinca o dia todo", mas quando saem do espaço da cerâmica estabelecem outras relações. Ronaldo nos aponta ainda para o teor das conversas durante o trabalho. De acordo com ele, as conversas passam desde a "fofoca" sobre a vida um dos outros até reclamações a cerca das condições de trabalho, sobre a falta de "incentivo" para o trabalhador, as condições entre eles, trabalhadores, que não ganham " nada " e os patrões acumulando cada vez mais, ou seja, sobre a situação vivenciada por eles e daí vemos como eles tem consciência da exploração e da dominação sofrida:

"*... Eu falo pros meu colega direto, nóis trabalha num firma, que esse povo é milhonário, esse povo dos Cardoso. Nóis trabalha pra uma firma milhonária, eles num faiz nada pra incetivar os funcionário...*"[58]

Ronaldo fez questão de ressaltar ainda que a amizade se limita ao espaço da cerâmica. Quando perguntei se os colegas que ele costumava se divertir eram os mesmos colegas de trabalho, sua resposta foi a seguinte:

"*Não, com eles (colegas de cerâmica) eu num saio não (...) Ah! Por que saiu o portão pra fora, é cada um por si e Deus pra*

[57] Elizângela em 13/07/1997.
[58] Ronaldo em 05/09/1997.

todos. Muito difícil de vê." [59]

Ao referir sobre os colegas de trabalho o Sr. "Zezinho", aponta para uma relação amistosa, onde laços de solidariedade são estabelecidos, pelo menos entre os motoristas de caminhão, inclusive com motoristas de outras cerâmicas. A relação com os colegas é assim descrita pelo Sr. "Zezinho":

> *"...os colega lá, todo mundo é colega, né? Tudo amigo, respeita um ao outro (...) principalmente a turma de motorista. É tudo bão. Isso aí, estragou um caminhão, eles te ajuda, (?.) o que chegar primeiro ajuda o outro, tudo alí."*[60]

A cerâmica é caracterizada pelo Wendel como um local onde se estabelece laços de amizade. A amizade estabelecida no espaço da cerâmica para ele, também parece estar restringida a esse espaço.

Apesar dos entrevistados estarem sempre enfatizando a cerâmica como um espaço propício à amizades; mostram também que essa amizade não ultrapassa os muros da cerâmica, que quando saem do trabalho cada pessoa segue o seu caminho; desvincular-se da cerâmica trouxe ao Wendel muitas recordações e saudades dos "amigos" que ficaram; ele nos conta que:

> *"(...) muita gente ainda ficou. Eu senti entendeu, no sentido assim do meu convívio com eles eu senti mesmo, chega uma menina lá e eu sentí sua falta, achei super interessante que naquele serviço lá, muitas pessoas panha amor, né ?"*[61]

Nessa fala, podemos perceber bem como de fato a amizade não ultrapassa o espaço da cerâmica; pois o fato de ter saído do trabalho não o impediria de manter contato com os amigos, caso estivesse estabelecido relações fora do ambiente de trabalho.

E é, nesse embate das relações, nessa dinâmica onde ora falam mais alto as tradições, os valores; ora a necessidade de sobrevivência mesmo é que vai se configurando o mundo dos trabalhadores nas indústrias cerâmicas na cidade de Monte Carmelo.

---

[59] Idem.
[60] Sr. "Zezinho" em 05/09/1997.

CAPÍTULO 2

"FUI LIBERTO DE TUDO" (?)

Wendel Aparecido de Souza

Vimos na maior parte das entrevistas realizadas, denúncias que nos permitiram refletir como os trabalhadores cerâmicos experienciam uma série de conflitos no interior do processo de trabalho.

As práticas de controle patronais vão desde a ameaça de demissão, baixos salários, até a cooptação. Estas práticas no entanto, não são exercidas somente no espaço privado das cerâmicas. O poder público municipal e o conjunto de seus representantes e instituições ampliam e buscam reproduzir este controle.

Diante dessa correlação de forças desfavoráveis aos trabalhadores cerâmicos, sua luta cotidiana parece convergir para a garantia do "mínimo" necessário à sobrevivência.

Desta forma, foi possível, através das falas resgatar, como, historicamente, eles vêem enfrentando a dominação a que estão submetidos.

Para muitos cerâmicos, a dureza do trabalho cotidiano parece amenizada através da participação em cultos religiosos, onde várias vezes pude ouvir que, buscam "paz", "compreensão" depois de um dia exaustivo de trabalho.

Para alguns a religião parece assumir o ponto central da vida e traz com isso um certo conformismo diante da exploração sofrida no cotidiano, outros vêem-na como um espaço para se estabelecer relações 'importantes", outros ainda que não ache interessante participar efetivamente de uma igreja, acreditam nos preceitos religiosos que fizeram parte de sua educação.

A religião muitas vezes parece "anestesiar" esses trabalhadores, dando-lhes "força" e conformidade diante de sua dura realidade.

Essa busca de paz e compensação pode ser observada também através da **"mudança" de religião**, o que vem se mostrando um tanto comum, principalmente em relação à igreja católica, que, ao que parece, não tem respondido bem aos anseios de seus fiéis. Assim, não foi difícil ouvir trabalhadores dizendo que mudou de religião, saindo da católica para uma religião pentecostal pelo dessa última lhes oferecer mais "conforto', "paz", "carinho".

Essa perda de "crédito" da igreja católica parece ser crescente, em vista do aumento das igrejas pentecostais e da tentativa desta em recuperar seus fiéis a partir de movimentos como por

exemplo a Renovação Carismática, que mais se assemelha a um culto pentecostal, onde as pessoas oram e cantam em voz alta.

Num mundo onde falta calor humano, onde as relações entre as pessoas tem sido marcada pela frieza e distância, onde as pessoas em função de suas atribulações cotidianas e dificuldades de sobrevivência acabam perdendo sentimentos como solidariedade, amizade; a religião parece se tornar um refúgio, onde elas buscam esses sentimentos perdidos na dureza da vida.

Deste modo, vemos que os cerâmicos parecem buscar no espaço da religião, resgatar laços de afetividade, relações amistosas, onde a compreensão, solidariedade e a busca de esperança impere tomando o lugar da rudeza e exploração que a vida lhes tem oferecido.

A religião entretanto parece ser uma "faca de dois gumes", pois, se por um lado essas pessoas encontram o conforto que procuram, por outro lado, acabam se conformando com a situação em que vivem, não lutando de forma efetiva em busca de transformações nas relações.

Ao falar sobre religião, o Sr. Odair nos fala como são múltiplas as experiências no seu meio de trabalho. Segundo ele, as religiões são as mais diversas, o que limita o entrosamento entre os trabalhadores.

Para ele, que é católico, a religião é vista como um espaço onde ele tem possibilidade de fazer amizades com pessoas "importantes": *"doutor"*, *"advogado"* e é onde vai buscar apoio nos momentos de dificuldade; é um espaço onde encontra ajuda, financeira e apoio moral; ele conta que a religião tem suas falhas pois sendo constituída de seres humanos é natural que isso aconteça, mas que garante algumas vantagens:

> *"...é ali é tudo misturado, né?... Mais de você conviver com eles ali num tem nada haver não..."*[62]

> *"... os padres, os bispos... com um gesto te ajuda, né?*[63]

As irregularidades existentes dentro da igreja, acabaram por afastar "Zé" Agostinho de sua religião, católica. Mesmo ainda "rezando" e "acreditando em Deus", ele diz que não freqüenta mais a igreja pois "vendo muita coisa errada dentro da igreja" acabou desanimando. Isso nos revela que sua idéia de religião está permeada por um sentimento de que as "coisas erradas" não podem acontecer dentro de uma instituição que exige dos fiéis um comportamento "correto" e imprime valores como a "honestidade". Neste sentido, sua

[62] Sr. Odair em 20/04/97
[63] idem.

"descrença" para com a igreja, nos revela sua percepção de que aqueles que exigem dele um comportamento e atitudes de moral e honestidade, acabam eles mesmos as burlando.

O que pude perceber na fala de "Zé" Agostinho, é que ele tem introjetado os valores passado ao longo dos anos, na educação que recebeu de seus pais e também da própria igreja. Faz seu julgamento do que seja "certo" e "errado" e a partir do momento que percebe que determinadas pessoas, inclusive o padre, que sendo uma autoridade, agiram de forma "errada", ele se afasta da igreja, mas seus valores já estão introjetados, já determinaram suas concepções, enfim é como percebe o contexto em que vive:

> *"... coisa do padre aí, pessoa de dentro da igreja, lá, que sabe... por exemplo... que aquilo desanima a gente (...) cê fica sabendo muito de fraude, a pessoa pega uma festa pra fazê, aquil'ali a pessoa se pudé embolsá o dinheiro da igreja, eles embolsa, pessoa vai fazê um bingo, por exemplo, vai tomar conta dum bingo, aquil'ali se dá pra ela pegá um dinheiro pra ele, ele pega, qué dizê, mum dá pó confiá em ninguém, né? Nem dentro da igreja, então onde eu num sô assim frequentador assíduo de igreja, por isso."*[64]

Já o Sr. "Zezinho" apesar de ter tido em sua formação a religião católica, conta que mudou para a religião espírita, pois acredita que esta seja a "mais certa". A mudança de religião parece ter se dado pelo fato de que a igreja católica não preenchia suas expectativas de que o espaço religioso fosse um local onde deveria haver união, amizade, e isso, ele diz ter encontrado no centro espírita. Para ele, os católicos, seriam pessoas esnobes e considera que os padres são "malandros", deste modo ele se sente mais atendido no centro espírita:

> *"Uai, eu nasci na católica, né? Agora eu sigo mais é a religião espírita, né? (...) Eu acho que é a mais certa, católica é boa, mais católica é mais ilusão, cê vai... cê vai na igreja é pra... a pessoa mais bem vestido; mostrá roupa bonita, eu num topo muito padre nada, padre é mei malandro, então eu num gosto, gosto mais da religião espírita(...) É mais unido, o povo é mais... parece que tem mais amizade, um com outro, parece tem*

Nº de página inserido pelo pesquisador do Projeto.

mais liberdade, né? a gente tem mais confiança."[65]

A igreja pentecostal "Casa da Benção" entrou na vida de Wendel quando ele buscava um sentido para sua vida. Trabalhando o dia todo; chegava em casa cansado encontrava o pai (que também trabalha na cerâmica) alcoolizado; não tinha interesse para a escola. Assim não via sentido para estar vivendo daquele jeito; num primeiro momento ele acabou indo no mesmo caminho do pai e junto com o álcool começou a fazer uso de drogas. com outros colegas que compartilhavam da mesma "descrença". E foi nessa conjuntura que Wendel. conta orgulhoso, que entrou para a "Casa da bênção" em busca de algo para dar sentido a sua existência. E acabou encontrando, pois, hoje, ele conta que tem um objetivo; quer ser pastor, deixou o trabalho na cerâmica e não pretende voltar; mas quer estudar para alcançar seu objetivo.

A história do Wendel não é isolada; a resistência contra a exploração, tem-se verificado muitas vezes assim; mais no plano individual que no coletivo. Deste modo a entrada para a igreja , foi determinante; esta deu a Wendel um horizonte; o que ele não tinha quando trabalhava na cerâmica. Agora tem um objetivo, ser pastor e persegue esse objetivo; como disse ele "... *hoje eu tenho paz, alegria...*".

Ao rememorar sua trajetória, Wendel nos conta assim:

> *"... Porque eu tinha me envolvido com droga, bebida, essas coisa, aí então eu tava achando que a vida não tinha mais sentido. Chegou uma determinada hora que eu achei que a vida num tinha mais sentido, peguei e falei, não, vou procurar a última solução né? Vou ver se eu melhoro minha vida e tal, peguei e fui pra igreja, lá mesmo eu consegui o que eu queria mesmo, encontrei, eu achei valor na minha vida ao mesmo tempo eu* ***fui liberto de tudo.***"[66]

Wendel se dedica em tempo integral à igreja. Ela ocupa o lugar central da sua vida, pois como ele disse foi lá que *"fui liberto de tudo"*. Esse tudo tem implícito a exploração que sofria na cerâmica desde criança. Importante salientar que essa significação que a igreja teve para Wendel não foi a mesma para outros, que talvez tenha imposto uma conformidade maior.

---

[64] José Agostinho em 20/04/97
[65] Sr. "Zezinho" em 05/09/1997.

A entrada para igreja significou desvinculação quase que total do Trabalho na Cerâmica; Wendel ainda tem contato com a cerâmica por 2 motivos. Primeiro por que sua família quase toda (aí incluí-se tios, tias, pai, irmãos, primos, etc.) trabalha na cerâmica e segundo, por que, sempre procura seus "antigos" colegas com intuito de leva-los para a igreja.

Quando procura seus colegas, Wendel não tem intenção de formar algum tipo de "associação" ou "sindicato" para que de forma coletiva passam a lutar contra a exploração, mas é tentar fazer com que eles tenham outro tipo de compensação que não as drogas. Entendi, a tentativa de Wendel, como sendo um convite ao "conformismo" ao trabalho, onde poderão mais tarde se sentirem compensados pela exploração sofrida. Essa recompensa parece que a terão somente no "Reino dos céus".

A religião para Wendel, é o que dá sentido a vida, é lá na igreja que ele busca razão para viver; ele vive em função da igreja e isso foi buscado a partir do momento que ele percebeu, não se sentia realizado no seu trabalho. Ele não encontrava significado naquilo que fazia, ele conta que até se divertia quando estava trabalhando, mas a partir do momento que saía de lá e começava a refletir sobre o seu trabalho e sua vida, não achava sentido, foi quando começou a se envolver com drogas, não achando compensação nas drogas se entregou a religião e hoje, não é mais o trabalho que importa, mas a religião e quer buscar um trabalho que seja em função de sua religião.

Ele conta que o trabalho não "preenchia" sua vida ao contrário da religião:

> *"Preenchia não. O trabalho na cerâmica às vezes, igual eu tava de falando, divertia, mas era só naquele determinado...quando cê tava lá dentro se você sair...tinha final da tarde na hora que você sai, começa a refletir nas coisa assim, tem hora que fica agoniado de sabe, né ? Fazê aquela coisa todo dia, aquela coisa todo dia, as vezes se num se sente bem, entendeu ? Porque passa a ser uma coisa cansativa, só do cê pensar passa a ser uma coisa cansativa."*[67]

A religião apresenta um importante significado para Elizângela, sendo católica por formação, ela me colocou o desejo de se converter à igreja "crente", pois segundo ela, na igreja crente ela encontra mais "atenção", mais "carinho" e revela que diante da vida dura que

---

[66] Wendel em 20/07/1997.
[67] Idem.

leva é preciso buscar mecanismos para encontrar "paz"

O papel da igreja neste caso, se configura como um elemento que dissemina o conformismo de Elizângela, em sua fala, ela nos aponta para isso.

Assim quando fala na sua pretensão de mudar de religião, Elizângela deixa claro que diante da vida dura que leva ela precisa de algo para se agarrar, um local onde possa encontrar a paz. Esse local já não é garantido pela igreja católica, ela não encontra atenção e carinho lá como encontra na religião "crente" como ela mesma diz.

Assim, ao ser interrogada a cerca do motivo que a leva a mudar de religião, Elizângela se expressa assim:

> *"Ah! Eu sinto que é assim, mais atenção, mais carinho.(...)Ah! Não na vida tudo é difícil, quem sabe a gente encontra paz."*[68]

Na seguinte fala de Elizângela podemos perceber o papel desempenhado pela igreja, no que se refere ao conformismo.

> *"...nem que seja prá mim assim, um pouquinho de dificuldade de escola, prá mim pará de sair, mais eu quero trabaiá bastante pra mim tê alguma coisa, sem trabaiá a gente num tem quase nada."*[69]

Assim ela deixa claro que o sofrimento de hoje, a exploração sofrida, será compensada pelas conquistas futuras. E ainda quando percebe sua possível melhoria de vida através do trabalho.

É interessante perceber como a religião atua com o trabalhador no sentido de acomodá-lo. É claro que não são todos; pois há que se considerar as diferenças de valores, tradição, educação enfim. Mas o caso de Elizângela pode ser revelador desse valor que perpassa o meio dos trabalhadores.

Assim, a acomodação pode também estar influenciada pelo papel da igreja que prega a purificação através do sofrimento e a virtude de ser trabalhador. A recompensa pode vir no futuro para aquele que sofre cotidianamente.

Talvez a falta de proximidade com aqueles que realizam o trabalho religioso, como os

---

[68] Elizângela em 13/07/1997.
[69] Idem.

padres, por exemplo. Ou ainda a distância que se estabelece entre os fiéis, não conseguindo vislumbrar relações onde o calor humano seja intenso, relações de solidariedade, talvez por isso a igreja católica vem perdendo espaço.

É possível pensar essas questões à partir da fala de Geraldo, quando esse manifesta seu desejo em *"passá pra religião crente"*. Sabemos que as religiões pentecostais acabam estabelecendo vínculos mais íntimos com os seus fiéis e de alguma forma respondendo mais rápido aos seus anseios, os fiéis são mais solidários e a hierarquia no trabalho religioso é mais flexível; possibilitando o fiel um contato mais próximo com o Pastor. O que impede o Geraldo mudar de religião é sua esposa, Silvânia. Essa diz que até gostaria de mudar de religião e freqüentar com mais assiduidade, porém as proibições que a igreja "crente" impõe a coloca em dúvida.

Podemos ver uma certa visão crítica de Silvânia em relação a tal religião; pois achando a vida dura, precisa de momentos de descontração, em que possa fazer o que quer, da forma como quer, como por exemplo assistir a TV ou usar um determinado modelo de roupa que é proibido pela igreja "crente".

Vemos a resistência latente a esse tipo de religião e é a meu ver, um fator importante, pois diante das dificuldades impostas pela vida, Silvânia não se deixa levar pela promessa de melhor condição de vida no futuro, ou talvez uma "salvação no reino de Deus", ela impõe sua autonomia diante da forma de lazer e se portar; é sua vontade que fala mais alto. Mesmo com todas as ressalvas feitas à sua vontade; ou seja, essa vontade sendo influenciada por outras vias; ela sabe e discerne o que é melhor para si.

> *"A vida nossa já é ruim, né? Cê num pode vê uma televisão, por que eles fala que cê vai ficar daquele jeito, cê num pode sair, cê num pode fazê nada...o tipo assim, duma roupa que cê quer vestir, cê num pode(...)a pessoa prá vivê no mundo tem que tê um pouco assim de...de diversão, né? Um trem assim...porque a gente ficá só por conta, só daquílo, trabalhá, num tê nada pra fazê, vai indo a gente desgosta até da vida..."*[70]

Além da religião, outros caminhos são buscados na luta contra a exploração e dominação a que os cerâmicos estão submetidos. Neste sentido, jogos de azar se fazem

[70] SILVÂNIA RIBEIRO DA SILVA. Trabalhou na "prensa" na cerâmica Inca, Atualmente está desempregada. Entrevista realizada em 08/09/1997.

presentes na forma como lidam com essa exploração e assim, parecem representar um caminho para realizarem seus vários sonhos.

Ao falar de seus sonhos, Geraldo deixa vir a tona elementos de consumo, como nos revelou Silvânia (sua esposa) quando disse: *"fala do tal do vectra"*, se referindo a um carro que o marido sonha em comprar. Percebemos deste modo, que os sonhos Geraldo, de conquistar uma vida melhor, alcança também sonho de consumo, revelando dessa forma assimilação das necessidades impostas pela sociedade capitalista.

Geraldo conta ainda que gostaria de ter dinheiro para que não precisasse trabalhar tanto. E faz questão de dizer que não se trata de parar de trabalhar; porém é não ser explorado como se percebe hoje; mas trabalhar para seu crescimento, para a transformação enquanto algo positivo e não para *"se matar de trabalhar"* e não ver resultado.

Geraldo sonha então com sua autonomia; ele deseja ser dono de seu próprio tempo e vontade e busca caminhos para concretizar sua aspiração, não acreditando na mudança de vida através do trabalho da forma como está posto. Geraldo arrisca-se na sorte através de jogos de azar como "Tele Sena", "Papa Tudo" etc...

Cabe aqui um parêntese, para se refletir acerca desses jogos e como parecem responder as aspirações dos trabalhadores. No caso de Geraldo, desacreditado de que seu trabalho lhe possa proporcionar melhores condições de vida, ele abraça a possibilidade de conquistar uma melhora através da sorte.

Assim, capitalistas conscientes disso, encontram nesses jogos, mais uma forma de ampliar seus investimentos e submeter os trabalhadores, já que sabemos que a chance de alguém ganhar e mudar suas condições de vida é uma entre milhares e milhares.

Mas Geraldo opta por esse caminho, ele não reage à exploração conjuntamente com seus colegas; eles parecem não conseguir meios de agirem conjuntamente, ou de se organizarem contra a exploração. Geraldo cede aos apelos da mídia e busca através dos jogos sua melhoria.

É da seguinte forma que Geraldo nos conta sua "luta" por melhores condições de vida e caminhos que busca para concretizar seus sonhos:

> *"A única coisa que eu faço é jogá... (...) esse negócio do Silvio Santos, Tele Sena... Papa Tudo (...) Porque trabalhando, eu acho que mim vô consegui isso nunca... então, tô tentando na*

sorte, né?"[71]

O Sr. Odair também nos contou que busca realizar seu sonho através da sorte. Assim, ao falar sobre o trabalho, o Sr. Odair diz que gosta do que faz, porém sua profissão é outra, ele conta que é carpinteiro e que sonha em um dia poder colocar uma marcenaria e trabalhar por conta própria. Sua forma de lutar pela concretização desse sonho também está na sorte.

O Sr. Odair se expressa da seguinte maneira:

> *"Se eu tivesse uma sorte de tirar... de ganhar um dinheiro na loteria, qualquer coisa, que sempre que a gente joga, né? Às veiz tem uma esperançazinha assim, de Ter um futuro através disso, né? Eu sempre jogo na Tele Sena, jogo na Sena, essas coisa aí né? Então eu penso... meu futuro... assim, seu acertar... então é nesse sentido aí."*[72]

Pensar os sonhos e aspirações dos trabalhadores cerâmicos e perceber ainda os caminhos pelos quais eles buscam ou não, realizá-los, torna-se importante na medida em que nos possibilita entender suas atitudes.

Assim, quando vemos, a um primeiro olhar, a desarticulação dos trabalhadores em relação à luta por melhores condições de vida/trabalho, pode ser que não entendamos, como pessoas tão exploradas e que se percebem nessa situação e às vezes até resistem, não articulam, ou não se identificam de forma coletiva; pois assim, teriam maiores possibilidades de conquistar seus objetivos. Não podemos nos entanto, nos esquecer da forte pressão e da eficaz ação dos empresários das cerâmicas bem como a multiplicidade de interesses e aspirações que apresentam estes trabalhadores.

Muitos trabalhadores têm um sonho em comum: deixar o trabalho na cerâmica; conquistar sua autonomia, ser dono de seu próprio tempo e vontade, entretanto, apesar de ser um sonho comum, os meios que buscam para realizá-los são diversos, às vezes, nem procuram realizá-lo, pois ao que parece, está distante demais da dura realidade em que vivem, como no caso de Ronaldo.

O Ronaldo nos contou que seu maior sonho é deixar de trabalhar na cerâmica e "trabalhar para ele mesmo", no entanto, diz que não tem esperanças de realizar esse sonho,

---

[71] GERALDO MARIA DA SILVA. "Tirador de forno na cerâmica Alto Paranaíba. Entrevista realizada em 08/09/1997.

pois com o trabalho na cerâmica ele nunca terá essa possibilidade, já que seu salário é "curto" e mal dá para as despesas, ou, em suas palavras: *"dos braço num tira nada, né?"*

Percebendo que o trabalho não lhe oferece perspectivas de vida melhor, Ronaldo, ainda assim, não parece lutar contra essa situação. O que lhe impede? O que faz com que ele esteja assim tão acomodado? Seria talvez a necessidade de um emprego, que, mesmo com toda exploração garante a sobrevivência sua e de sua família aliado a ação repressora dos patrões? Ou cansaço de tantas derrotas o fez acomodar-se?

A necessidade do emprego, do salário garantido (ainda que pouco) no final de cada quinzena, para satisfazer as necessidades básicas sua e de sua família, parece colocar o anseio de autonomia num segundo plano, ou de acordo com as palavras de Ronaldo: *"só fica no sonho!"*

O sonho de autonomia também faz parte da vida de "Zé" Agostinho. Ele acredita que este é o sonho de todas as pessoas que trabalham como "empregados" e especialmente daquelas que trabalham num serviço mais "pesado", como ele.

"Zé" Agostinho assim como Ronaldo, não parece buscar caminhos para concretizar seu sonho; também precisa garantir a sobrevivência de sua família, mas "espea" que no futuro "de alguma forma" consiga realizá-lo.

"Zé" Agostinho, ao falar sobre seu sonho, se expressa da seguinte forma:

> *"Ah! Eu acho que o sonho de qualqué pessoa que trabalha de empregado, principalmente nesse serviço igual a gente trabalha assim, trabalho mais pesado, eu acho que o sonho dele é dexá... um dia dexá de ser empregado, né? Eu tenho... eu tinha vontade demais de deixá de ser empregado. Qualquer coisa que'eu pudesse fazer, que desse pra mim vivê, qu'eu deixasse de ser empregado, de trabalhar de empregado, pr'um futuro que conseguir, eu acho bom demais."*[73]

Já Elizângela, busca na escola e num curso de computação, que frequenta aos sábados, o caminho para a realização de seus sonhos.

Quando interrogada sobre seus sonhos, Elizângela deixa claro, que o trabalho na cerâmica não faz parte de seus planos para o futuro.

Assim, ela fala de vários anseios como o de se casar e ter uma família, possuir casa

---

[72] Sr. Odair em 20/04/1997.
[73] José Agostinho em 20/04/197.

própria: alguns sonhos de consumo como por exemplo possuir um computador. Ela diz também que deseja continuar trabalhando; ser independente; deixa entrever um sonho de autonomia; um desejo de poder controlar sua própria vida e vontade; neste sentido ela conta que gostaria de ter uma confecção de roupas.

Dentre seus sonhos também está o desejo de ampliar seu universo de conhecimento. Ela conta que gostaria de sair de Monte Carmelo para estudar mais, conhecer pessoas diferentes do seu meio, aprender sobre arte, tecnologia. Enfim, podemos ver que a Elizângela vislumbra um universo maior que o dela hoje e que anseia por conhecer e crescer enquanto pessoa; sua luta por melhores condições de vida vai muito além da luta por sobrevivência:

> *"O sonho que eu tenho é que...um dia casar, ter uma família, uma pessoa que pensa que ama, ma s as vezes num ama né, ninguém sabe, então assim, eu sonho assim, d'eu casar, ter uma família continuar trabalhando, não sê dependente de marido, o sonho de uma casa boa, não pagar aluguel, morar numa casa própria, sonho de ter um computador(...)Sonho ir pra fora. Adquirir mais amizade, ter mais conhecimento das coisa(...) Ah! Ir pra fora estudar, conhecer vários trabalhos, vários assim, trabalho e artes, de artesanato, de tecnologia, de tudo.."* [74]

Elizângela busca na escola e no trabalho os meios para realizar seu sonho. Assim podemos perceber como a escola se faz significativa para ela enquanto caminho para buscar melhorar sua condição de vida. O trabalho também possui essa conotação assim, segundo ela um aliado ao outro, trará um futuro melhor.

Ela fala que mesmo passando dificuldades e tendo que abrir mão de algumas coisas ela vislumbra um futuro melhor.

> *"...nem que seja prá mim assim, um pouquinho de dificuldade de escola, prá mim pará de sair, mais eu quero trabaiá bastante pra mim tê alguma coisa, sem trabaiá a gente quase num tem nada"* [75]

---

[74] Elizângela em 13/07/1997.
[75] idem

O depoimento do Sr. "Zezinho" me chamou bastante a atenção, quando perguntei a ele acerca de sonhos, sua resposta foi curta, disse que não tinha sonhos.

Com a aposentadoria, o Sr. "Zezinho" não pretende mais trabalhar, diz que está velho e que não tem mais sonhos, pois acha que "velho" tem mais é que ficar mais "quieto" mesmo.

Isso nos chama a atenção para a forma como ele percebe o papel do velho. Assim, é como se ele, que já não trabalha mais, não tivesse direito a sonhar (ou viver?). A forma como o Sr "Zezinho" se expressou deixa claro que, agora que os filhos já estão "criados" e não dependem mais dele, ele já está aposentado, não trabalha mais, não tem mais uma vida "produtiva", não se sente mais "útil" e para ele isso me pareceu bem tranqüilo, é como se fosse um papel que ele desempenha. Antes era trabalhador, podia sonhar, não tinha tempo para se divertir mais era "útil", tinha filhos para criar, tinha uma vida "ativa" enfim. Com a aposentadoria, sua utilidade para as pessoas, inclusive para sua família *"...os filho tá tudo criado, é cada um veve por si..."*, parece ter se perdido. Daí não tem mais direito de sonhar, e o "ficar mais quieto" me pareceu mais uma fatalidade que uma opção:

> *"...não, eu já pensei, mais agora tô véi, num penso em nada mais. (...) já aposentei, agora eu quero ficar sossegado... os filho tá tudo criado, é cada um, veve por si... a gente que tá véi, tem que ficá mais... mais quieto mesmo."*[76]

Interessante perceber que o sonho de autonomia, esse desejo de ter controle de sua própria vida e com isso, melhorar as condições de vida, permeia o depoimento de muitos trabalhadores. Estes vão buscar diferentes caminhos, alguns buscam de forma coletiva e outros buscam de forma individual a solução de seus problemas, como por exemplo, jogos de azar como a sena, telesena, papa tudo, etc. outros vêem a Escola, ou a igreja como caminhos para melhorar suas condições de vida, porém, mesmo sendo um desejo que abrange um grande número de trabalhadores (quase todos, talvez.) não parecem se articular de forma conjunta em busca de seus interesses; mesmo com essa aspiração em comum não conseguem determinar uma luta comum.

Outros sonhos nos remetem a pensar acerca da assimilação da sociedade capitalista pelos trabalhadores, como os sonhos de consumo; assim, comprar um "carro", ou um "computador" acaba tornando-se um valor para ele. O trabalhador cerâmico parece muitas vezes, tomar para si valores de uma sociedade que o "escraviza".

À partir daí, podemos ver que uma transformação social não parece fazer parte das aspirações desses trabalhadores, pois quando não estão na luta pela sobrevivência, seus interesses não parecem mexer com a "ordem" das coisas, mas ao contrário, parecem se adaptar à essa "ordem".

Sonham em melhorar de vida, sonham em deixar o trabalho na cerâmica, percebem e sentem vontade de se livrarem da exploração, no entanto não parecem vislumbrarem uma estratégia comum de luta que parta do âmbito de trabalho.

Em relação à luta pela moradia, podemos ver que houve uma multiplicidade de experiências, em que os trabalhadores parecem ter travado suas lutas de forma individual, ou seja, suas experiências no tocante a luta por moradia parecem ter se dado num nível individual, não havendo portanto uma experiência de luta coletiva que pudesse instituir uma tradição de luta coletiva entre esses trabalhadores.

Neste sentido pudemos observar que grande parte dos trabalhadores entrevistados possuem casa própria (apenas dois entrevistados não possuem). Assim, também os significados de possuir ou não uma casa própria tomam vários contornos.

Possuir uma "casa própria" tem-se mostrado como um valor para a maioria deles, e neste sentido, as dificuldades encontradas parecem amenizadas quando falam com "orgulho" que possuem sua casa, ainda que demasiadamente simples (a da grande maioria), aquele é um espaço dele.

Um fator que também parece determinar esse valor subjetivo, é o lado econômico, pois com os baixos salários, pagar aluguel traz reduções ainda maiores no orçamento familiar.

Ao falar sobre sua experiência de moradia, Elizângela conta que toda sua família conseguiu garantir a casa própria à partir de uma ocupação.

Ela conta que sua avó morava em uma pequena casa num terreno que não era dela (como ela foi morar lá? Invadiu o espaço? O dono do terreno consintiu que se construísse uma casa lá? Porque como ela foi morar lá?) este terreno ficava na periferia da cidade e era do proprietário da cerâmica que seu avô trabalhava e que seu pai e ela trabalham hoje.

Assim, num primeiro momento, o terreno parece ter sido "emprestado" a seus avos para que pudessem morar lá.

Entretanto a medida em que seus tios e seus pais foram se casando, foram construindo suas casas nos arredores (essa apropriação foi feita de forma pacífica? O proprietário do terreno não teria resistido a essa "invasão"?)

Ela diz que hoje o terreno pertence a seu pai e que o patrão lhe "deu" o terreno já que

---

[76] Sr. "Zezinho" em 05/09/1997.

havia muito tempo que ele trabalhava e a relação estabelecida ente patrão e empregado favoreceu a doação do terreno.

A questão que me coloco aqui é de que, o fato de toda a família ter trabalhado para a mesma cerâmica e onde acabaram estabelecendo relações de amizade com os patrões, teria favorecido essa "doação" do terreno ou será que pelo fato de ter muitos anos que a família fez seu aquele espaço e conhecendo a lei de usucapião o proprietário acabou concedendo aquela área?

Na época em que os avós de Elizângela moravam naquela área, o terreno não tinha o valor que hoje tem. Hoje o bairro se encontra a poucos metros do centro da cidade e consequentemente adquiriu valor financeiro, assim, é difícil entender que motivos levaram o proprietário a conceder este "espaço" a esta família trabalhadora. Assim, a particularidade deste espaço é de ter sido constituído exclusivamente por laços consangüíneos entre trabalhadores; avós, tios, primos, sobrinhos. Parcela significativa dos moradores do bairro Triângulo ocupa um espaço próprio caracterizando um "gueto negro" no próprio bairro.

Vejamos como Elizângela conta sua experiência de moradia:

> *"Uai desde que minha avó morava numa casinha ali, aí eles pegaram e deram né, deixaram minha vó fazê a casa, aí adquiriu aquele punhado de casa, né? Aí o dono do terreno num quis nem sabê do coisa mais(.?.)Por aqui no triângulo né?(...)Aí eles pegaram e deixaram eles fazê a casa aqui, começaram fazê casa, casa, aí deixaram aí foi adquirindo assim, vamos supô, adquirindo assim muito tempo de casa, aí eles pegaram e deixaram virar casa, dero os lote tudo certinho, mas que nesse lote aqui, eles já deu pro meu pai né? Meu pai trabalhava muito tempo com eles, eles deu a casa pro meu pai, agora o resto do lote aí é com eles lá, aí eu não sei não."*[77]

Geraldo e Silvânia também nos contou sobre as dificuldades em conseguir sua casa própria , que só conseguiram com a ajuda do pai de Geraldo e de alguns amigos que colaboraram na construção.

Ter uma casa para eles parece também se configurar num valor, haja visto seu desejo de poder ampliá-la, melhorá-la; pois sendo o lugar de referência, o casal gostaria de tê-la

como o melhor lugar possível.

Ao refletir sobre a experiência de moradia, Silvânia, traduz para Geraldo a trajetória de sua luta em busca de moradia:

> *" Como cê conseguiu? Trabalhando... ajuda do seu pai; seu pai de ajudô, o terreno é dele, cê mora aqui. Seu pai cedu um pedacinho procê fazê, foi assim que cê conseguiu, aí cê foi trabalhando, aos poquim cê foi comprando um aqui, um ali, até pô tudo no lugar, e seu pai te ajudano, num foi cêis dois que feiz aqui?"* [78]

O Sr. Odair nos conta que mesmo tendo o terreno quando veio para Monte Carmelo, foi difícil construir sua casa, o que ele fez aos poucos. ele conta que foi comprando os materiais com o dinheiro que recebia e depois ele mesmo com ajuda de alguns amigos foi construindo a casa. conta também que ganhou as telhas da cerâmica, e que esta emprestou um caminhão para que ele pudesse "buscar" as pedras, e foi assim que o Sr. Odair foi construindo sua casa, simples, mas que é um espaço dele.

Essa "ajuda" da cerâmica é um "privilégio" que Sr. Odair diz ter, a relação estabelecida com os patrões parece ter propiciado essa "ajuda". Isto porém, não parece se configurar em prática, mas numa exceção.

Vejamos como nos conta o Sr. Odair sobre sua experiência de moradia:

> *"...Olha, a casa, a casa foi o seguinte: Eu vim da roça, eu tinha o terreno, comprei o terreno, mais então não tive o dinheiro prá construir a casa, eu morava numa casinha que tinha alí no fundo. No terreno que eu comprei; só que era uma casinha de dois cômodos, certo? Então num tinha como eu morar dentro dessa casinha, eu vim pra cidade morando dentro desses dois cômodos, entrei dentro da cerâmica, trabalhando dentro da cerâmica, dalí eu ganhei o dinheiro, tirando do meu salário e comprando os material, foi que eu construí, foi ondé qu'eu tenho a casa hoje, né? Foi tirado do dinheiro que eu ganhava*

[77] Elizângela em 13/07/1997.
[78] Silvânia em 08/09/1997.

na cerâmica mesmo, tirado de lá."[79]

> *"... eu no meu caso aqui, eu num vô falá que eu num tive ajuda, você tá entendeno, essas telha aqui eu ganhei elas, essas telha foi ganhada, né? A telha foi... é quer dizer que eu (.?.) neles (PATRÕES), pra mim eles num foi ruim, eles me dero caminhão pra mim buscar areia, me deu caminhão pra mim buscar pedra, isso aí eles dão num é pra todo mundo não..."*[80]

Eusiane não possui casa própria, acha difícil pagar aluguel, mesmo que seja de uma casa com apenas três cômodos, nos fundos. Ela tem carteira assinada e pretende sair da cerâmica para comprar sua casa própria com seu FGTS. Para ela ter a casa própria me pareceu além de um valor, uma necessidade, pois o aluguel parece " pesar" no orçamento mensal.

> *"...não, tô morano de aluguel. Aí eu tô querendo saí de lá* (cerâmica) *prá comprá uma casa, morá de aluguel num dá não..."*[81]

Outra experiência de moradia, o Sr. "Zezinho", nos conta que conseguiu comprar sua casa financiada pelo BNH (Banco Nacional de Habitação) , no conjunto habitacional Nossa Senhora do Carmo, depois que vendeu o estabelecimento comercial que possuía na zona rural. Deste modo, ele conta que comprou primeiro o "direito" de morar, depois foi pagando as prestações até conseguir quitá-la. Avalia que foi difícil, pois só ele e a esposa trabalhavam na época e tinham seis filhos ainda pequenos.

o Sr. "Zezinho" nos conta como conseguiu comprar a casa da seguinte maneira:

> *"isso aqui, foi da COHAB, né? Comprei o direito, depois transferi pro meu nome, depois quitei (...) Ah! foi difícil, icha! Comecei (.?.) os menino tudo pequeno, né? A famia, 6 fio, tava tudo pequeno, só eu que trabaiava mais a muié, então foi difícil."*[82]

Os conjuntos habitacionais, ainda que sejam restritos[83] e não atendem a todos, também parecem uma opção para os trabalhadores conseguirem sua casa própria. Isso não diminui as

---

[79] Sr. Odair em 20/04/1997.
[80] Idem.
[81] Eusiane Abadia Rodrigues. Trabalha na prensa na Cerâmica Inca. Entrevista realizada em 16/07/1997.
[82] Sr. "Zezinho" em 05/09/1997.

dificuldades, pois assim como o Sr. "Zezinho", que tem uma família extensa, as prestações são pagas com dificuldade.

Para "Zé" Agostinho essa também foi uma maneira encontrada para conseguir sua casa própria.

Com o dinheiro da herança que sua mãe deixou, "Zé" Agostinho pôde realizar o sonho de ter uma casa própria, assim também entrou no financiamento do BNH e já está quase terminando de pagar sua casa.

O financiamento de casa em conjuntos populares, representou uma possibilidade mais acessível à "Zé" Agostinho, e a herança da mãe a certeza da realização desse sonho.

Ter uma casa própria para "Zé" Agostinho significa ter um espaço seu, onde possa fazer o que gosta da forma como gosta, é um espaço seu, onde pode descansar, é poder aumentar um cômodo para ter um espaço maior na sala ou no quarto.

O valor que o imóvel assume para ele não é o mesmo que este tem para o capitalista, a este o imóvel tem valor de venda, é uma mercadoria, para "Zé" Agostinho, ele assume o valor de uso, ele não quer conseguir outros imóveis para comercializar, mas quer melhorar aquele espaço que é seu.

Podemos colocar essa questão mediante o aval da fala do "Zé" Agostinho, quando ele diz que o dinheiro que gastou reformando e ampliando sua casa daria para comprar outra casa. Assim, se ele visse o imóvel como fonte de lucro, ao invés de melhorar a casa poderia ter comprado outro imóvel, alugando-o e assim, obtendo lucros:

> *"Essa casa aqui, prá comprá ela, comprei com dinheiro de herança(...) e com o serviço eu fui fazendo, aumentano e arrumano (...) o dinheiro que eu já gastei prá reformá essa casa aqui já dava pra mim fazê uma."*[84]

Uma outra experiência de moradia é do Sr. Sebastião, ele não possui casa própria e em seu depoimento não parece tê-la como valor, o que parece falar mais alto é a confiança depositada nele pelo patrão.

O Sr. Sebastião mora há 32 anos "dentro da cerâmica"; isto é, a casa onde mora foi construída dentro do terreno da cerâmica pelo proprietário da cerâmica que a "emprestou" para o Sr. Sebastião e a família; onde não paga benfeitorias como água/esgoto e energia.

---

[83] O primeiro está registrado em 1977, como mostra Pádua. Op. Cit. Pag 55.
[84] "Zé" Agostinho em 20/04/1997.

Morando "dentro da cerâmica" e guardando todas as chaves desta, o Sr. Sebastião acaba sendo um trabalhador em tempo integral, pois qualquer incidente que ocorra fora do horário de expediente, é sempre ele quem acaba resolvendo; pois o conhecimento e a "confiança" adquiridos ao longo dos anos de trabalho o exigem dele.

> *"(...) Então é seguinte... dentro da firma sempre tem que ter uma pessoa de confiança... pra olhá as coisas, então sempre eu... desde que eu comecei a trabaia com eles, eu moro aqui com eles, sabe? Então num pago aluguel, pagava força, agora num pago mais, num pago água, nem nada..."*[85]

Parece mesmo uma questão de valor, pois para o Sr. Sebastião, a confiança do patrão me pareceu mais importante que possuir uma moradia, ele não parece se incomodar com o trabalho em tempo integral, pelo contrário parece se orgulhar disso, pois dá a ele um "status" de empregado de confiança e que para ele parece ser muito positivo.

Essa forma de moradia pode ser considerada uma forma a mais de exploração, pois sendo o Sr. Sebastião, o gerente geral da cerâmica, ele assume uma grande responsabilidade trabalhando talvez, mais que seus patrões, é ele quem resolve os problemas "fora de hora". Enquanto colabora para que seus patrões ganhem altos lucros, ganha em troca um canto para morar que não é seu e garante a sobrevivência de sua família.

A questão da moradia parece dessa forma, assumir diferentes contornos, assim de um lado percebemos a moradia como um valor para o trabalhador no sentido de ter um espaço que é seu, de outro lado percebemos que a dificuldade de se pagar o aluguel (já que os salários são baixos) também parece levá-los a desejar uma casa sua. Para muitos trabalhadores, assim como o Sr. Sebastião, ter uma casa própria não parece essencial. Para ele basta ter um lugar onde possa morar, ele não se importa se a casa e sua ou não.

Em relação à educação, pudemos observar que os cerâmicos em sua grande maioria são analfabetos ou semi-analfabetos, a educação para eles parece ganhar também diferentes significados. Alguns vêem nela, a possibilidade de melhorar suas condições de vida, outros não atribuem grande valor, já que a dureza do trabalho cotidiano parece desestimular e dificultar a busca de um crescimento pessoal, outros vêem ainda como um complemento para o trabalho, ou seja, um local onde se aprende a lidar com toda "paraferanália" tecnológica. Claro ficou, que a grande maioria dos trabalhadores não parece conceber a escola como um

local onde se forma Cidadãos conscientes de seus valores e direitos; politizados. Talvez por que a escola não tenha mesmo se prestado a esse papel, ainda que seja uma de suas funções.

O que temos percebido é que a Escola se fez um lugar despreparado para receber alunos que são trabalhadores; estes por sua vez se sentem desestimulados e acabam desistindo de seus estudos ainda nas séries iniciais. Chegar ao colégio, ou seja, à 5ª série, parece ser um grande mérito, e se formos pensar no quadro em que isso ocorre, acaba por se tornar verdade. Assim o cansaço físico aliado ao despreparo da escola parece afastar a grande maioria dos trabalhadores de seu direito à educação.

Desse modo, as dificuldades da vida acabam impelindo crianças e adolescentes ao trabalho, fazendo com que a educação fique sempre em segundo plano. O trabalho desde cedo, acaba por amadurecer a criança precocemente e assim, ela acaba não se adaptando à escola e aos colegas que ainda não entraram para o mundo do trabalho.

Para Wendel Aparecido de Souza, 20 anos, solteiro, trabalha hoje como servente de pedreiro, assim como para a grande maioria, a responsabilidade do trabalho veio cedo, aos 7 anos de idade já começava a trabalhar na cerâmica. Ele conta que a mãe o colocou no serviço, pelo fato de ser uma criança muito travessa.

O fato de ter começado a trabalhar tão cedo, praticamente junto com o ingresso na escola fez com que Wendel logo, logo, perdesse o interesse na escola e se dedicasse em tempo integral ao trabalho que até então era só "meio período".

Chegar cansado à escola aliado a necessidade de trabalhar para se sustentar sozinho, pois o trabalho se tornava um valor para ele, muito mais que a escola; e também o fato de o ingresso precoce ao trabalho lhe deu uma certa maturidade que seus colegas provavelmente não tinham, o que ocasionalmente poderia ter dificultado o relacionamento entre ele e os colegas, diante desse quadro não foi difícil deixar a escola ainda na 5ª série.

Hoje, Wendel pensa em voltar a escola, em função de alcançar seus objetivos; tornar-se pastor da igreja "casa da benção". Para se tornar pastor ele precisa voltar a estudar e concluir pelo menos o 1°grau e é isso que ele pretende fazer, deixou o Trabalho na cerâmica no inicio do ano e vem trabalhando de servente de pedreiro na reforma de sua casa; ele não pretende voltar para cerâmica.

Vejamos como Wendel nos conta:

> *"Bom, era custoso mesmo. Aí eu acho que o único recurso que a minha mãe encontrou assim, pra dar jeito ni min, assim, foi o*

[85] Sr. Sebastião em 07/09/1997

serviço com aquela idade."[86]

"...Parei (DE ESTUDAR) porque...motivo de trabalho mesmo. Eu tava com a idade já meio avançadinha, já quereno fazê pra min mesmo, né ? Peguei achei melhor trabaia um tempo, depois estudá..."[87]

"Bom...agora...como...hoje eu tenho um religião né ? Então eu quero ser pastor, prá min ser pastor eu preciso conchuir até a 8° série, prá ser pastor."[88]

Vemos deste modo que a educação para Wendel não assumia grande significação enquanto trabalhava na cerâmica, sua preocupação maior era com o trabalho. Agora entretanto, essa história parece ter mudado, hoje ele tem uma perspectiva, pretende ser pastor da igreja que frequenta, dessa forma vemos que a escola para ele, teve que vir com outras motivações que não apenas o crescimento pessoal e fazer valer sua cidadania . Assim, a escola veio como necessidade para que ele pudesse atingir outras necessidades: a de ser pastor.

A educação para Geraldo não parece ter muito valor. Desde criança trabalhando; a escola rapidamente saiu de suas preocupações. Ele conta que o trabalho era mais significativo, e que não tinha vontade de estudar.

Na situação de Geraldo, a escola realmente não poderia adquirir grande valor, ainda mais quando comparado ao trabalho; pois o resultado do trabalho era visto quinzenalmente ou mensalmente; quando recebia o seu salário; ainda que pouco dava para sua sobrevivência; supria algumas necessidades; já a escola não oferecia para ele resultados concretos a curto prazo. Era um local, que não estava preparado para receber crianças com limitações devido ao cansaço do trabalho e nem se "falava sua língua", ou seja, as preocupações de Geraldo, eram certamente outras, diferentes das de seus colegas e por isso talvez sempre se sentiu desestimulado.

Geraldo talvez se preocupasse se o seu dinheiro daria para pagar as contas no fim do mês; ou se daria para ele comprar algo que ele queria; ou como iria ser o seu dia de trabalho; coisas que porventura não faziam parte do universo de seus colegas.

Assim ele coloca que para ele bastava "tirar o diploma" da quarta série primária:

---

[86] Wender em 20/07/1997.
[87] Idem.

"Ah! Falta de cabeça mesmo, pensava mais em trabaiá, né? Num queria mais estudo não, só tirá o diploma, pra mim já tava bão. Prá mim, né? Agora pros outro eu num sei."[89]

Silvânia percebe a educação diferente e lamenta por não ter podido ou se esforçado para continuar estudando.

Ela conta, que a sua família não se importava em colocar os filhos na escola. E que o trabalho a impelia para o abandono dos estudos. Tendo estudado somente até a 4° série primária, assim como seu marido, Silvânia diz que se arrepende e que hoje, se tivesse estudado, poderia até arrumar um serviço melhor que domestica, cerâmica ou "bóia fria".

Ela lamenta também não poder ajudar seu filho nas tarefas de casa.

As posições de Geraldo e Silvânia nos suscita pensar a heterogeneidade existente até mesmo no núcleo familiar e reafirma uma vez mais a dificuldade de fazer generalizações quando estamos lidando com seres humanos e suas relações.

Se por um lado, Geraldo acabou desistindo do estudo, desestimulado ou não, e não o percebe como significativo para melhorar suas condições de vida. Por outro lado, Silvânia coloca justamente o contrário; que vislumbra através de escola a possibilidade de melhorar sua condição de vida, ainda que atualmente se sinta acomodada a sua situação e não vá buscar através do estudo o caminho para melhorar sua vida.

Silvânia conta sua experiência com a escola da seguinte forma:

"Estudei só até a 4° serie e saí. Terminei só a 4° serie(.?.) fazê a 5° serie num teve jeito não, minha mãe num teve... apoio de família assim... a gente, bem que querê eu queria, mais num teve como... ninguém me apoiva em nada... também, depois acho que tive que desistir e ir trabalhá, porque como e que eu ia andar, e vistí...(.?.) casei nova demais, num teve jeito. Pensar em estudar hoje também num tem jeito. Vontade eu tinha de estudá."[90]

Ronaldo que estudou só até a 7° série do 1° grau, nos conta que o cansaço físico

---

[88] Idem.
[89] Geraldo em 08/09/1997.
[90] Silvânia em 08/09/1997.

causado pelo trabalho também acabou o impelindo a deixar a escola.

Ronaldo não vê perspectivas de melhora através da escola terminando apenas o 2° grau. Segundo ele, a educação pode oferecer perspectivas de uma vida melhor, somente a partir de uma formação universitária.

E como não vislumbra possibilidade de chegar à universidade acabou cedendo ao cansaço e abandonando a escola:

> *"Ah! Eu acho bom (escola) , mais hoje em dia, é pra quem dá conta de fazer uma profissão, estudar para uma profissão. Já saí trabalhando, médico, dentista, uma profissão pra ganhar dinheiro..."*[91]

Mais que um curso que o profissionalize, Ronaldo percebe como importante a escola que vai lhe oferecer possibilidade de "ganhar dinheiro". Essa visão parece ter muito haver com sua vivência cotidiana; tendo que trabalhar desde muito novo, já que perdeu o pai e teve que ajudar nas despesas de casa. Ronaldo vê a educação de uma forma muito "prática", não percebe a escola como espaço para o crescimento pessoal, ou desenvolvimento intelectual, ele busca algo que vá lhe oferecer respostas as suas necessidades, sua luta parece estar no nível da sobrevivência mesmo. Assim, crescimento pessoal, cidadania, conscientização, não parecem fazer sentido em seu cotidiano.

Quando fala sobre educação, O Sr. "Zezinho", que estudou até a 3ª série do primário na zona rural, é da opinião de que hoje, o estudo é muito importante para as pessoas conseguirem uma vida melhor; mas acredita que seja desnecessário muito do que se aprende na escola hoje em dia. Na avaliação dele, "aprender a ler, escrever e fazer contas", ou seja, para ele o essencial é aprender matemática e português, e considera que o estudo na sua época era melhor por isso; por que só aprendia aquilo que era "necessário" para a vida do indivíduo.

Podemos ver na fala do Sr. "Zezinho", o que ele considera "necessário", ou importante à vida:

> *"...Na época, cê ia longe pra estudá. E, cê... era fraco, mais acho que é melhor do que uns tipo de estudo, cê estudava só aquilo mesmo que cê precisava, né? Hoje talvez, tem umas coisa que às veiz num pricicava, né? Num desenhava, num fazia...*

muitas coisa cê num fazia, estudava era matemática, era... aprendia lê, né? E... tinha ditado, só essas coisa assim... mais quando cê sai dali, o que passava na frente cê lia também..."[92]

impedido de continuar seus estudos devido ao trabalho e falta de professores na zona rural, o Sr. "Zezinho" acabou por abandonar seus estudos na 3ª série primária, mas o considera muito importante:

"Ah! num continuei por que na roça era difícil, né? Na roça num tinha professora que dava até 4º ano, né? Então é... é difícil, tinha que trabaiá também, e toda vida eu trabaio, né? Num era fácil não..."[93]

Para o Sr. Sebastião a escola parece ser a chave de um futuro melhor, ele percebe no futuro o domínio total da tecnologia, onde só quem tiver esse conhecimento terá oportunidade de trabalho. Assim, ele valoriza muito a escola e se orgulha de ter conseguido que 8 de seus 10 filhos estudassem;

Sendo analfabeto, o Sr. Sebastião diz que "*naquele tempo num tinha escola*", e que os seus pais só pensavam em colocar os filhos para trabalhar.

Interessante perceber que o Sr. Sebastião faz uma ligação de escola com o trabalho hoje; porém, a escola antigamente não estava ligada ao trabalho, essa analogia de escola com o trabalho parece que tem haver com o que ele chama de "evolução", ou seja, é o desenvolvimento tecnológico:

"... que daqui uns ano ... (...) sempre eu falo pros meu fio estudá muito... o trem vai sê feio, por que esse negocio de computador agora, o trem vai tomano conta, vai ajudano muito,"[94]

"... eu tenho 10 filho e... tem 8 formado, então, cê vê, que eu não posso clamá da vida, né?"[95]

---

[91] Ronaldo em 05/09/1997.
[92] Sr. "Zezinho" em 05/09/1997.
[93] Idem.
[94] Sr. Sebastião em 07/09/1997.

Assim, podemos ver que o valor atribuído tanto pelo Sr. "Zezinho", quanto pelo Sr. Sebastião à educação vem no sentido de se adaptar às condições postas. Eles não parecem perceber a escola como um espaço de se compreender a sociedade e seus mecanismos de funcionamento, de questionar a ordem posta, de conscientizar-se dela, mas percebem a escola como um espaço de se adaptar à sociedade.

Já para Elizângela, a educação significa melhorar de vida no sentido mesmo de ampliar seus horizontes. Ela percebe que o trabalhador que não tem estudo é facilmente enganado e segundo ela, para quem trabalha em cerâmica principalmente pois:

> *"quem num tem estudo e trabalha em cerâmica, num tem valor nenhum na cerâmica, que eles dá qualqué papel procê assiná, ocê num sabe lê..."*[96]

Dessa forma, Elizângela mostra sua consciência da importância de se ter conhecimento, para ela a educação, ter consciência daquilo que chega até ela, seja no trabalho ou fora dele é muito significativo, percebemos que ela deseja fazer valer sua cidadania.

As horas dedicadas ao lazer são poucas, pois sendo o trabalho muito desgastante, as horas de folga muitas vezes acabam se transformando em horas de descanso.

Contudo, Pescar, tomar cerveja com os amigos no barzinho, ouvir música, jogar e assistir ao futebol, dançar, trabalhar e até presidir a associação de moradores do bairro, foram modalidades que os trabalhadores classificaram como atividades que fazem parte de seu lazer.

O lazer para Ronaldo, é ouvir música e sair com os colegas aos sábados, tomar cerveja num barzinho, ou ir aos bailes. Esses colegas no entanto não são os mesmos que compartilham do seu trabalho e ele faz questão de ressaltar isso.

Porque será que há essa separação, sendo que grande parte do seu tempo, Ronaldo, passa com os colegas da cerâmica? Por que quando vai se divertir, ele escolhe outras pessoas que não aquelas que compartilham de seu dia a dia?

Ronaldo não é o único, a maioria dos entrevistados mostraram-se assim, amizades desvinculadas do trabalho, ou seja, eles parecem ter círculos diferenciados de amizades, os que compartilham do trabalho e outros que compartilham do lazer e da vida fora da cerâmica.

"Zé" Agostinho nos conta que as horas dedicadas ao lazer são geralmente passadas em festas da família, ou com os amigos jogando bola ou jogando baralho. Os amigos que

---

[95] Idem.
[96] Elizângela em 13/07/1997.

compartilham o lazer também não costuma ser aqueles colegas de trabalho. geralmente são conhecidos de outros lugares, como por exemplo, os vizinhos. A pescaria também faz parte das diversões prediletas, esta porém é dificultada pelo pouco tempo disponível em função de seu trabalho.

> *"... pra divertí eu sô até bão... eu gosto de jogá barai, jogá bola, é... uma farra de família eu gosto também... pescaria eu gosto, só que eu num tem tempo, né? Eu quase num vô, mais eu gosto muito de pescar..."*[97]

Para o Sr. "Zezinho" lazer é sinônimo de pescaria e de preferência na companhia da esposa; como não tinha tempo, faz muito tempo que não pesca. Aposentado, diz que agora gostaria de marcar uma pescaria:

> *"... eu gosto mesmo é de pescar (...) num tinha tempo, agora qu'eu tô com mais tempo, né? Aposentei, mais adoeci, agora... agora que eu quero ir. esses dia dá uma pescadinha."*[98]

Elizângela conta que gosta de fazer muitas coisas como ir a danceteria, passear na praça no centro da cidade; encontrar com os amigos e conversar sobre o seu dia. O lazer se dá quando não está muito cansada; pois o trabalho na cerâmica é muito cansativo. Deste modo, descansar no domingo e dormir mas cedo no sábado, muitas vezes acaba sendo mais comum que sair para se divertir.

> *"Quando eu saio assim mesmo? Ah! Vou pra uma danceteria, vou prá praça, no trailer do lanchinho, fazer lanche né? Encontro com os colega da gente, nóis fica alí divertino, contano os papo, conta o quê que aconteceu no dia, a gente fica alí distraindo"*[99]

Já o Sr. Sebastião que é presidente da associação de moradores do bairro Triângulo, classifica essa atividade como uma diversão. Essa parece ser uma forma de preencher o seu

---

[97] Zé Agostinho em 20/04/1997.
[98] Sr. "Zezinho" em 05/09/1997.

tempo livre. Como presidente do bairro, sua ação parece estar resumida a construção de "passeios" (calçada) com incentivo do prefeito, que doa a areia e o cascalho e os moradores pedem aos empresários o restante dos materiais, como o cimento por exemplo. A associação dos moradores do bairro Triângulo, poderia significar um espaço para discussão dos problemas do bairro e dos moradores e como prolongamento das discussões acerca do trabalho, já que é um bairro onde moram muitos trabalhadores cerâmicos e onde se localiza mais ou menos 5 ou 6 cerâmicas. Este poderia ser um espaço propicio para a organização dos trabalhadores cerâmicos. no entanto não foi assim que pareceu, mas o trabalho como presidente de bairro veio em resposta a uma pergunta sobre o que fazia para se divertir. E foi da seguinte maneira que o Sr. Sebastião colocou:

> *"Uai, meu divertimento é...é...em casa mesmo, eu gosto muito de futebol...inclusive nois pegamo a presidência do bairro aqui... o triângulo... aqui, então, nóis... dia de domingo nóis vamo, nóis fazemo passeio... a base de mutirão(...) Ele (PREFEITO) ajuda nóis... ele dá areia, o cascalho, nóis a comunidade, nóis pede o cimento e com a ajuda do povo do bairro nóis vamo fazeno os passeio."*[100]

Ao recordar do trabalho na cerâmica, Wendel o faz com um misto de prazer e sofrimento. É prazeiroso recordar o tempo em que ficava com os amigos; para ele o trabalho também significava um momento de lazer e ainda que em sua memória permaneça imagens da dureza e exploração sofrida, ele recorda do trabalho como um espaço de diversão:

> *"Em relação lá eu me divertia bastante lá dentro mesmo, tinha muitos amigos."*
> *"(...) era assim né, gostava na verdade, mais se for pra min fazê hoje eu num faço nem de graça, eu achava super legal..."*[101]

---

[99] Elizângela em 13/07/1997.
[100] Sr. Sebastião em 07/09/1997.
[101] Wendel em 20/07/1997.

É importante lembrar deste modo, que a vida das pessoas não estão de forma compartimentada. mas é um todo e é nesse todo que muitas vezes o trabalho faz parte do lazer. ou concomitante à educação.

De acordo com os depoimentos, outros aspectos da vida, conflitos e sonhos estão articulados intrinsecamente à sua condição de trabalhadores em um mundo que hoje prescinde dos próprios trabalhadores.

A partir das entrevistas que foram realizadas até o momento pudemos ver denúncias que nos permitiu refletir como os trabalhadores cerâmicos experienciam uma série de conflitos no interior do processo de trabalho. Pudemos perceber também ,as múltiplas práticas de controle patronais, a saber, passam por ameaças de demissão, baixos salários até a cooptação. E, estas práticas para além de serem exercidas somente no espaço das cerâmicas, atingem também o poder público municipal e o conjunto de seus representantes e instituições ampliam e buscam reproduzir este controle.

Neste contexto, a luta cotidiana do trabalhador parece se localizar na garantia do mínimo necessário à sua sobrevivência.

E, esta luta pela sobrevivência, em seu sentido estrito, foi o que pudemos captar através das entrevistas realizadas até o final de Dezembro de 1997. Parte dos entrevistados demonstraram que apesar da dominação/exploração, não conseguem articular práticas coletivas de resistência e acabam por assumir e atuar de modo individual e às vezes utópicas, como meio de tentar solucionar seus problemas. Mas esta via, não foi a única, por nós resgatada. Se de um lado há trabalhadores por assim dizer, mais "resignados" e que vão à procura de soluções advindas por intermédio de fatores externos como: "Deus, Governos e/ou patrão", por outro lado, presenciamos através de depoimentos a emergência de outros trabalhadores , cuja forma de enfrentar sua luta pela sobrevivência se dá de outro modo, qual seja: via sindical e/ou pela criação de associação de classe.

Neste sentido, vimos os vários modos como os trabalhadores vêem resistindo à dominação. Assim, ela pode ser vista tanto no âmbito do trabalho, quanto nas práticas religiosas e/ou nos jogos de azar bem como pode ser visualizada na organização sindical.

Infelizmente, só tivemos conhecimento do Sindicato dos Trabalhadores cerâmicos em Janeiro de 1998, quando então, este trabalho monográfico já estava quase encerrado, optamos então por desenvolver a problemática das organizações de trabalhadores e patronais num outro momento, pois a investigação demandaria um tempo que nós não tínhamos.

Assim, já temos alguns indícios e encaminhamentos acerca do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Cerâmicas em Monte Carmelo a partir de uma entrevista realizada com Huender Franco Dias, que foi um dos diretores fundadores deste sindicato.

Ainda que muitos trabalhadores não tenham conhecimento do sindicato, ele está presente desde 1990. Este sindicato, ainda que tenha conseguido nos anos inicias,

realizar algumas greves, em que chegaram a obter até 60% de suas reivindicações, hoje sua ação parece estar mais vinculada à questões burocráticas, como por exemplo, acertos, orientações e assistência jurídica aos trabalhadores.

Huender, nos contou que antes desta data de fundação já havia uma movimentação "desorganizada" e realização de algumas reuniões em casa de trabalhadores. Estas reuniões eram feitas com um grupo muito restrito de pessoas, variando geralmente de 5 a 20 pessoas, pois os trabalhadores tinham muito medo da repressão.

Nestas reuniões, buscavam discutir com os trabalhadores acerca das condições de trabalho e articular meios de luta contra a situação de exploração vivenciada. Neste período "pré- sindicato", Huender nos contou que houveram algumas greves explosivas que não tiveram êxito devido a desorganização e pelo medo da repressão. Assim, quando iniciava a greve e o patrão chegava não havia ninguém para fazer a negociação, pois temiam pela perda do emprego.

Assim, estes trabalhadores entraram em contato com a CUT (Central Única dos Trabalhadores) regional e, com o auxílio desta fundaram o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Cerâmica em Monte Carmelo no dia 14 de janeiro de 1990.

Huender nos conta da seguinte forma:

> *"...antes dessa fundação nós fizemos várias reuniões convidando assim... é... reuniões em casas, né? Por que não podia ser reuniões abertas, pra não haver repressão do pessoal que tava organizando, nessas reuniões apareciam de 5 a 20 pessoas, né? E a gente foi discutindo, não com todas as cerâmicas, a gente num tinha condição de discutir com todas, discutia com umas 10 cerâmicas, a fundação desse sindicato, entramos em contato com a Central Única dos Trabalhadores, que na época era a CUT que... existia a CUT regional, né? Hoje num tá existindo mais, tá desativada, e esse pessoal veio a Monte Carmelo e nos auxiliou nessa fundação..."*[102]

Após a fundação do sindicato, outras greves foram realizadas, totalizando oito desde sua fundação. A mais bem sucedida foi a greve realizada três meses após a fundação do

[102] HUENDER FRANCO DIAS. Ex- trabalhador cerâmico, primeiro presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias cerâmicas em Monte Carmelo. Entrevista realizada dia 15/01/98.

sindicato na cerâmica Monte Carlo com duração de 17 dias onde os trabalhadores obtiveram 60% das reivindicações.

Durante essa greve, sete diretores do sindicato foram despedidos (reintegrados mais tarde após ganharem processo movido na justiça), e houve uma propaganda por parte dos patrões acerca da ilegalidade do sindicato.

Sobre essa questão Huender nos fala da seguinte maneira:

> *"... mais sempre houve greves explosivas na cerâmica, algumas antes da fundação do sindicato; eu mesmo participei de algumas... mas eram greves que a gente fazia e... totalmente desorganizadas, então o patrão chegava, não tinha pessoas pra negociar, então o movimento acabava e voltava a trabalhar, na hora de negociar, por que num podia aparecer quem negociasse, por que se aparecesse seria demitido (...) a primeira organizada foi essa, por sinal durou aproximadamente 15 dias, né? Contando o último Sábado e o último Domingo , foram 17 dias de greve... nessa greve a gente reivindicava garantias mínimas que já estavam em leis, água potável, sanitário limpo... é... carteira assinada é... leite, por que a gente acreditava na época, que o leite ajudava a dimimuir o problema da poeira, né... carteira assinada com o valor real... pagamento semanal, por que a cerâmica pagavam por semana e queriam passar o pagamento por quinzena... ao todo eram 10 reivindicações, nós conseguimos seis (...) só que durante esse período, sete diretores do sindicato foram demitidos, praticamente esfacelaram a diretoria, né? E começaram a fazer propaganda de que o sindicato era uma entidade ilegal, que não foi devidamente registrada e... de... que os trabalhadores que se aproximassem do sindicato seriam demitidos, né? E aí a gente passou pro embate jurídico, e a justiça muito lenta.. e a justiça muito lenta, alguns processos estão rolando até hoje (...) e... o que eles alegavam era o seguinte, o sindicato não estava devidamente registrado, mas na época teve um problema muito sério que nós fundamo o sindicato e... e... tinha, o sindicato deveria ser*

registrado no cartório de registro civil e nas delegacias regionais do trabalho... é no Ministério do Trabalho e havia uma portaria do então ministro do trabalho, que era o Rogério Magri, diz que não precisava mais registrar o sindicato no Ministério do Trabalho, então, nós procurava o Ministério do Trabalho para registrar o sindicato, eles negavam registrar o sindicato, no Ministério do trabalho (...) a lei realmente não exigia isso mesmo... mas mesmo assim, nós insistimos e eles dero o protocolo provisório pra gente do Minist'rio do trabalho, a gente ganhou na justiça os processos, eu fui reintegrado em 93, mais... como fui impedido de voltar a diretoria, fui demitido e... o tesoureiro do sindicato também foi reintegrado... os outros continuam na justiça até hoje..."[103]

Essa foi uma eficaz ação repressora dos patrões, que, segundo Huender, aliada à falta de uma estrutura sólida do sindicato e a questão da sobrevivência, pois como não estavam trabalhado não estavam recebendo seus salários e precisavam de alimentos, roupas, remédios, etc.

A alimentação foi garantida durante os dias de greve, graças a doações de algumas escolas públicas através de uma campanha realizada pelo sindicato, porém não podiam ficar sobrevivendo das doações.

Em seu depoimento Huender nos conta que:

"... ficamos 15 dias parados... então o pessoal começou a passar fome, literalmente mesmo, passar fome mesmo, e a gente começou a ir nas escolas, nós fomos na Escola Estadual, na Escola Professor vicente Lopez Perez, pedir alimento pra doar pro pessoal. A gente ganhou alimento, ganhou dinheiro.. a gente tava dando refeições, até gás, remédio; o que deu a gente conseguiu suprir esses 15 dias. Eu acho que a falta de estrutura, uma das parte do refluxo, uma das causa desse refluxo, nas lutas aí, outra questão foi... o próprio processo de desorganização, a gente nunca conseguiu estruturar realmente

[103] Idem.

> *o sindicato, a parte legal do sindicato tá 100% (...) mas a parte política de funcionamento, de luta, o sindicato como instrumento de luta, não tem alavancado, tem tido esse refluxo, devido justamente a falta de líder..."*[104]

Ao falar sobre o refluxo do sindicato, Huender também aponta para a burocratização que está ocorrendo no sindicato, o que parece ter afastado os trabalhadores, causando então uma retraída do movimento:

> *" A gente tá tentando agora dá uma alavancada só na parte burocrática, por enquanto, até a gente tentar cavar líderes, fazer curso de formação, tem proposta de Central Única dos Trabalhadores Estadual, a CUT Estadual, descer pra cá, pra dar curso para os trabalhadores, entendeu? Pra gente ver se a gente consegue formar líderes, por que vai ser o único meio de alavancar, né? Acabar com esse processo de... como é que eu vou dizer? De insônia, né? De, de hibernação, né? Precisamops deixar o pessoal um pouco com insônia e ir pra luta."*

Neste sentido, podemos ver ainda que o sindicato, antes de sofrer aquela forte repressão, buscou organizar os trabalhadores, em torno de alguns líderes (os primeiros diretores), entretanto a tendência burocratizante juntamente com a repressão patronal acabaram por enfraquecer o sindicato que, especialmente durante as greves, foi bastante procurado pelos trabalhadores afim de se filiarem, de acordo com Huender, o sindicato hoje possui aproximadamente 380 filiados, dos quais a grande maioria se filiou justamente durante as greves.

Por outro lado, vemos que muitos trabalhadores não procuram se inteirar daquilo que se passa no sindicato, e ainda que tenha havido divulgação, como podemos ver nos boletins anexos, muitos trabalhadores não sabem de sua existência como nos aponta a fala de "Zé" Agostinho:

> *"... Eles queria montá um sindicato, mais num consiguiro não. Por falta de ajuda, os empresário num qué sindicato, né? (...)*

---

[104] idem.

Nóis ninguém foi informado, os funcionário num foi informado disso... eu fiquei sabendo disso, dos oto conversá na rua, não teve aquela assim... um cartaz, pô uma propaganda, alguma coisa pra incentivá o povo, divulgação nehuma, num teve."[105]

A fala de "Zé" Agostinho nos remete para a eficácia da propaganda patronal. Pois, quando houve a "difamação" do sindicato, em que apontavam para uma falsa ilegalidade da instituição, muitos trabalhadores, ao que parece, tem acreditado e não vem participando ativamente deste, só tem procurado o sindicato quando necessitam de apoio nas negociações com o patrão ou quando necessitam de assistência jurídica.

Outra questão que me intrigou bastante foi o fato de que em alguns boletins, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais vem trabalhando junto com o sindicato dos Trabalhadores nas cerâmicas. Assim, me pergunto, qual seria a ligação entre esses dois sindicatos? O trabalho de Pádua[106] não aponta para esse trabalho conjunto. Observando o boletim intitulado "SEJA SOCIO DO SINDICATO" me preocupo em compreender a relação e a proposta destes sindicatos em vir conjuntamente a organizar os trabalhdores do campo e cidade. Qual o significado desta iniciativa ?

A fala de Huender também aponta para uma relação entre a Associação das lavadeiras e o sindicato dos cerâmicos, já que as reuniões deste último, eram realizadas, à princípio num sala da creche pertencente à associação das lavadeiras.

Essas são algumas questões apontadas pelo depoimento de Huender e outros trabalhadores que merecem uma melhor exploração. Assim, num segundo momento, buscarei aprofundar melhor na questão das organizações patronal e dos trabalhadores.

A pesquisa vem se desenvolvendo com algumas dificuldades e desencontros, entretanto o saldo tem sido positivo, contribuindo em muitos aspectos, para o meu amadurecimento intelectual e pessoal.

Assim, tenho encontrado impecilhos quanto ao acesso a documentação escrita, especialmente no tocante à Associação dos Ceramistas, um associação patronal, onde os proprietários associados têm negado meu acesso aos documentos referentes à associação, também no Sindicato dos trabalhadores ceramistas, tem havido algumas dificuldades, principalmente quanto ao desencontro de horários. Muitos trabalhadores, como já disse anteriormente, sentem medo de falar sobre seu trabalho e suas experiências, o que também

---

[105] José Agstinho em 20/04/1997.
[106] Op. Cit.

TRABALHADORES UNIDOS SÃO SINDICATOS FORTES.

Seja Sócio do Sindicato

O Sindicato dos Trabalhadores nas Cerâmicas e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais estão unidos para defender os Trabalhadores do campo e da cidade. Para isso é necessário que os camponeses e operários associem no seu Sindicato, onde receberão assistência jurídica, apoio em suas negociações, nas mobilizações e greves.

— *Pelo Fim da Exploração Exigimos* —

— Carteira assinada e pagamento dos direitos trabalhistas.
— Indenização dos acidentes de trabalho.
— Piso salarial de 2 salários mínimos.
— Plano de obras públicas para acabar com o desemprego na cidade.
— Segurança e melhores condições de trabalho.

Associe, venha fortalecer seu sindicato para que ele possa defender você.

— Sindicato dos Trabalhadores Rurais —
— Rua Rio Claro, 30 - Vila Dourada —

— Sindicato dos Trabalhadores nas Cerâmicas —
— Rua Quirino Quadros, 93 - Vila Nova —

torna o trabalho difícil. Estas dificuldades no entanto tem aguçado ainda mais meu desejo de investigar e entender o mundo dos trabalhadores cerâmicos.

Neste sentido, as dificuldades antes de ser um fator desanimador, tem sido o motor para o avanço da pesquisa.. Com isso tenho percebido o quão importante se faz o trabalho de pesquisa no curso de graduação, pois nos permite um desenvolvimento intelectual e pessoal, o que sem este trabalho, certamente levaria um tempo muito maior, além de nos despertar para o trabalho científico e ainda contribuir até mesmo na melhoria de nossa redação.

Assim, a partir do trabalho de pesquisa, venho me politizando, um processo lento, difícil e prazeiroso ao mesmo tempo, em que venho percebendo as contradições existentes em nossa sociedade, onde podemos ver que pessoas ainda lutam cotidianamente pela sua sobrevivência e autonomia, ainda que às vezes de forma isolada, desarticulada inaldível. Daí a importância da pesquisa e sobretudo de fontes orais, que nos permitem perceber esses aspectos, muitas vezes imperceptíveis a nós.

ENTREVISTAS REALIZADAS

ELIZÂNGELA ABADIA DE SOUZA - 17 Anos, solteira, trabalha na "prensa" na cerâmica Inca. Entrevista realizada em sua residência dia 13/07/1997.

EUSIANE ABADIA RODRIGUES - 24 Anos, casada, trabalha na "prensa" na cerâmica Inca. Entrevista realizada em sua residência dia 16/07/1997.

GERALDO MARIA DA SILVA – 34 Anos, casado, 1 filho, trabalha de "tirador" de forno, na cerâmica Alto Paranaíba. Entrevista realizada em sua residência dia 08/09/1997.

HUENDER FRANCO DIAS – 25 Anos, casado, 1 filho, ex- trabalhador cerâmico, foi o primeiro presidente do sindicato do trabalhadores da Indústria Cerâmica em Monte Carmelo, hoje é professor na rede pública de ensino e colaborador no sindicato. Entrevista realizada na sede do sindicato dia15/01/1997.

JORGE AMÂNCIO DA SILVA – casado, 6 filhos, gerente de produção na cerâmica Pallissy. Entrevista realizada no interior da cerâmica dia 05/10/1996.

JOSÉ AGOSTINHO DE OLIVEIRA – 40 Anos, casado, 1 filho, trabalha como operador de máquinas em barreiras para as cerâmicas: Inca, Asteca e Asteca Indústria. Entrevista realizada em sua residência dia 20/04/1997.

JOSÉ ALVES BORGES – 56 Anos, casado, 6 filhos, aposentado, ex-caminhoneiro na cerâmica Inca. Entrevista realizada em sua residência dia05/09/1997.

LENITA BONIFÁCIO MAXIMILIANO – 48 anos, viúva, 3 filhos, trabalha como "reserva" na cerâmica Pallissy. Entrevista realizada em sua residência dia 05/10/1996.

ODAIR MONTES ALVES – 52 Anos, casado, 3 filhos, trabalha como reparador de grades na cerâmica Mineira. Entrevistas realizadas em sua residência nos dias 12/10/1996 e 20/04/1997.

PEDRO FRANCISCO TIMÓTEO – 39 Anos, casado, 1 filho, gerente de produção na cerâmica Mineira. Entrevista realizada em sua residência dia 12/10/1996.

RONALDO DIAS ROSA – 23 Anos, solteiro, trabalha de "encher" vagonetas na cerâmica Maia. Entrevista realizada em sua residência dia 05/09/1997.

SEBASTIÃO MARINO CROCHELA – 56 Anos, casado, 10 filhos, gerente geral na cerâmica Inca. Entrevista realizada em sua residência dia 07/09/1997.

SILVÂNIA RIBEIRO DA SILVA – 24 Anos, casada, 1 filho, trabalhou na "prensa" na cerâmica Inca, atualmente está desempregada. Entrevista realizada em sua residência dia08/09/1997.

WENDEL APARECIDO DE SOUZA – 20 Anos, solteiro, trabalhou na Cerâmica Inca em várias atividades no setor de produção, saiu da cerâmica desde Janeiro de 1997. Entrevista realizada em sua residência dia 20/07/1997.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI. Verena. História Oral: A experiência do CPDOC. RJ. Editora Fundação Getúlio Vargas, 1990.

AMADO, Janaina. "O grande mentiroso: Tradição, Veracidade e Imaginação em História Oral." HISTÓRIA, SP, Ed. UNESP, Vol. 14; pp.125-135; 1995.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. "A experiência humana e o ato de narrar: Ricoeur e o lugar da interpretação." In. Revista Brasileira de História nº 33; vol. 17; pp. 293-305; Ed. UNIJUI, 1997.

BOSI, Antônio de Pádua. Os "Sem Gabaritos" Experiências de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/MG nas décadas de 1970/1980. SP, Dissertação (mestrado), PUC, 1997.

BOSI, Ecléia. Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos. SP, Cia das Letras.

FENELON, Déia Ribeiro, "O Historiador e a Cultura popular: História de classe ou história do povo?" In: História e Perspectivas Uberlândia, UFU, nº 6, Jan-Jun.1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. Usos e Abusos da História Oral. SP, Ed. Vértice.

FONTES, Edilza Joana O. O pão Nosso de cada dia. Campinas, Dissertação (mestrado), UNICAMP, 1993.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os Vermes. SP, Cia das Letras, 1987.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. SP, Ed. Vértice, 1990.

NORA, Pierre. "Entre memória e História. A Problemática dos lugares" In. Projeto História.

SP, 1993.

PALLOIX, Christian. "O Processo de Trabalho: do fordismo ao Neofordismo". In. Processo de Trabalho e Estratégias de Classe. RJ, Ed. Zahar, 1982.

PAOLI, Maria Célia. "Trabalhadores e Cidadania: Experiência do mundo público na história do Brasil Moderno" In. Estudos Avançados, pp. 40-66.

POLLAK, Michael. "Memória, Esquecimento, Silêncio". In. Revista Estudos Históricos,RJ, Vol. 2, nº 3, 1989.

RAYMOND,Willians. O campo e a Cidade.RJ, Ed. Zahar, 1987.

SANTANA, Charles D'Almeida. "Horizontes do Claro e do Escuro". In. Fartura e Ventura Camponesas: trabalho cotidiano e migrações. Bahia: 1950/1980, SP, Dissertação (mestrado), PUC, 1996.

SILVA, Dalva Maria de Oliveira. Memória: Lembrança e Esquecimento: Trabalhadores Nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 60. SP, Dissertação (mestrado), PUC, 1996.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. (org). "Condições de Vida das camadas populares" Col. debates Urbanos, nº 6, Rio de Janeiro, Zahar, 1984.

SILVA, Luzia Márcia Resende. Os trabalhadores em luta pela terra no Triângulo Mineiro: 1989-1996.SP, Dissertação (mestrado), PUC, 1996.

Scott, Joan. A Evidência da Experiência. Texto Mimeo, 37 pp.

TELLES, Vera. "Pobreza e Cidadania: Precariedade e Condições de Vida. In. RAMALHO, José Ricardo e MARTINS, Heloisa de Souza (Org.). Terceirização. SP, Ed. Hucitec, 1994.

THOMPSON, E.P. A Miséria da Teoria ou Um Planetário de Erros, RJ, Ed. Zahar, 1987.

_____ A Formação da Classe Operária Inglesa. Vol. 1,2 e3, SP, Paz e Terra, 1986.

_____ "E.P. Thompson: História e lucha de clases." In. Tradicion, Revuelta y consciência de Classe. Barcelona, Editorial Crítica, 1989.

VILLANOVA, Mercedes. "Pensar a subjetividade - Estatísticas e Fontes Orais." In. História Oral e Multidisciplinaridade. Ed. Diadorin.